



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE E CLÍNICA

MAYARA MARINS MATTOS

O QUE HABITA EM MEUS CABELOS ?

A relação com o cabelo crespo como possível disparador do processo de descolonização e afirmação do amor à negritude.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Claudia Monteiro

NITERÓI

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATTOS, Mayara Marins. **O QUE HABITA EM MEUS CABELOS ?** A relação com o cabelo crespo como possível disparador do processo de descolonização e afirmação do amor à negritude. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia no 2º semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ana Cláudia Monteiro - UFF (Orientadora)

Prof^a. Dra. Jonê Carla Baião - UERJ (Examinadora Titular)

Prof^a. Dra. Luiza Rodrigues de Oliveira - UFF (Examinadora Titular)

Prof^a. Me. Flávia de Abreu Lisboa – UFRJ (Examinadora Titular)

Niterói

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M435q Mattos, Mayara Marins
O QUE HABITA EM MEUS CABELOS ? : A relação com o cabelo crespo como possível disparador do processo de descolonização e afirmação do amor à negritude. / Mayara Marins Mattos. - 2023.
73 p.: il.

Orientador: Ana Cláudia Lima Monteiro.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2023.

1. Cabelo crespo. 2. Amor à negritude. 3. Descolonização. 4. Racismo. 5. Produção intelectual. I. Monteiro, Ana Cláudia Lima, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

A minha mãe, meu maior exemplo de ressignificação, mergulhou fundo em suas dores para dar a mim e minha irmã todo o amor materno que nunca recebeu, que me gerou e acalentou, nutriu todos os meus sonhos e desbravou o mundo para me ajudar a torná-los reais, qualquer conquista minha só existe porque minha mãe me ensinou a sonhar e acreditar em mim. A ela dedico esse trabalho.

Agradecimentos

“Tio Totó chegou são, salvo e sozinho na outra banda do rio.” Esse trecho do romance “Becos da Memória” de Conceição Evaristo me aperta o peito sempre quando leio. Sou grata por ter chegado aqui, sã, salva e acompanhada, ainda bem.

Aos meus ancestrais e a todos que me abriram caminhos.

Aos meus pais que me ensinaram desde cedo o quanto é valioso um trabalho construído junto. **Minha mãe, Cleia**, agradeço por ter me dado a vida e uma vida de amor e cuidado, por sempre dar um “jeitinho” de eu conseguir fazer um curso aqui outro ali, que sempre me incentivou a estudar e seguir, que me abraça, me presenteia e festeja todas as minhas formaturas e formações desde o jardim de infância, Com você eu aprendi o amor nos afetos e na atitude, amo você. Ao **Luiz Alberto, meu pai**, que sempre esteve presente em qualquer fase da minha vida, te amo de todo meu coração, a vida com a segurança de que em qualquer situação você seguraria a minha mão me fez chegar até aqui, obrigada por ter investido em mim, seu tempo, seu trabalho, dinheiro e seu afeto.

A minha família, minha avó materna, **Terezinha** que jamais foi alfabetizada. Minha **avó** paterna que na minha infância me deu um punhado de livros a qual iniciei minha biblioteca pessoal. A minha tia **Lúcia** que estudou até a quarta série e vibrou comigo quando me formei psicóloga. Ao meu tio **Beto** que apenas após adulto terminou os estudos e sempre que nos falamos ele pergunta primeiro “como está a faculdade?” “e os estudos?” e só depois ele diz “como você está?”. A minha tia **Carminha** que aos 60 anos busca concluir o ensino médio e diz pra todo mundo que tem uma sobrinha Psicóloga. Ao **meu irmão Jefferson**, você vai ser sempre a minha pessoa, minha metade, ainda bem que temos um ao outro. A **minha irmã Naiara**, você preenche minha vida de alegria, o nosso elo é eterno. A minha prima **Vânia**, advogada da família, por ser meu primeiro exemplo de mulher preta e graduada, me inspirou a me tornar a primeira pessoa com diploma de ensino superior na minha família materna. Aos demais familiares que me incentivam o muitíssimo obrigado.

Agradeço as minhas vizinhas que se tornaram tias, família e parte da minha história, cujas narrativas atravessam essa pesquisa. A **Angela** e **Shirley** meus agradecimentos póstumos, minhas melhores lembranças tem cheiro de pimenta do reino do mocotó de Shirley, sabor da canjica e da comida fresquinha da Tia Angela, vocês se foram mas permanecem em nós. Tia Angela, mãe de Vânia, foi uma grande parceira da minha mãe, da minha criação e da minha irmã. Shirley obrigada pelo tanto que você fazia com que eu me sentisse amada, você faz falta no natal e em todos os outros dias. A dona Conceição, aprendi e aprendo com você, que delícia é sentar com você no portão com bolo de fubá e cafezinho.

Ao meu companheiro, **Raphael do Valle**, seja nos dias alegres e ternos ou nos tristes e sofridos você está comigo, obrigada, você segue sendo minha melhor companhia e parceria.

As minhas enteadas **Milena** e **Maria Luisa**, que despertaram em mim um amor que não sabia que tinha pra doar, que desde pequeninhas me deixaram pousar em suas vidas, ouviram atentamente minhas leituras de trechos deste trabalho.

A minha orientadora **Ana Cláudia Monteiro**, por ser sensível e respeitosa, acolher a mim e a esta pesquisa. Ana obrigada pela escuta atenta, pelo espaço de acolhimento que você proporciona, é um prazer ser sua mestranda.

Ao grupo de orientação que tenho a alegria de fazer parte, a “caixa de gatinhos”, lugar de afeto, respeito, troca, comidinhas gostosas, sorrisos, choros, abraços, leituras, discussões teóricas, debates, desabafos e muito mais que não cabe nestas linhas, obrigada pelo amparo.

A **Winnie Calvosa**, que iluminou essa pesquisa quando ainda nem era um projeto estruturado, obrigada pela paciência e parceria, que eu possa retribuir passando todo o cuidado que você teve comigo pra frente.

As minhas Veteranas de mestrado, **Patricia Muniz**, **Thaiane** e **Denise Luz** que me acolheram com ternura quando iniciei o processo, obrigada pretinhas.

Aos colegas de mestrado pelos diálogos intermináveis, trocas e chopps. Em especial a **Camilla Carvalho**, nos aproximamos virtualmente enquanto as aulas seguiam no remoto, te ler, te ouvir falar e cantar, construir com você foi um prazer, obrigada.

Gisele por ser um presente do mestrado pra minha vida, ter você pra dividir minhas crises de choro, minhas ansiedade, tristeza e alegrias durante a construção desse trabalho tornou o processo mais leve, obrigada. E a **Kezya** por ser minha companhia terna, para almoçar no bandeirão, para falar sobre a pesquisa e a vida.

Aos Professores do programa pelas contribuições que fizeram essa pesquisa deslançar.

A Banca, pelas contribuições na qualificação e posteriormente na defesa. Profa. Dra. **Luiza Rodrigues de Oliveira**, obrigada por ter aceito o convite, ser respeitosa, amável e trazer contribuições que expandiram meus horizontes. Profa. Me. **Flávia de Abreu Lisboa**, obrigada por se dispor mais uma vez a participar da minha banca, foi uma honra ter você na minha banca de graduação e é uma dupla honra ter você na banca de Mestrado, obrigada pela sensibilidade, sensatez e direcionamentos. E Profa. Dr. **Jonê Carla Baião** por prontamente aceitar participar da banca de defesa é um privilégio ter sua presença e contribuições.

A todos meu amigos que me apoiam, me acolhem, dentro e fora da vida acadêmica.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**) pelo apoio financeiro e científico.

“Essa imagem da mulher negra forte é muito cruel. As pessoas se esquecem de que não somos naturalmente fortes. Precisamos ser porque o estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade também é assumir fragilidades e dores próprias da condição humana. Somos subalternizadas ou somos deusas. E pergunto: quando seremos humanas?”

Djamila Ribeiro

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes.”

Amarelo - Emicida

Resumo

Destaco o cabelo como um elemento marcante da expressão da negritude, e o afeto e cuidado com ele como uma posição de luta ao racismo. As narrativas que incitam esse trabalho surgiram do questionamento “Por que a relação com o meu cabelo faz com que eu me maltrate tanto?” e depois “Por que o racismo faz com que eu maltrate meu cabelo e meu corpo?”. A pesquisa tem por objetivo apontar como o racismo atravessa a relação da mulher preta com o cabelo crespo na contemporaneidade e analisar as manipulações do cabelo afro , antes e depois do processo de descolonização e da internalização do amor à negritude. Para tanto utilizo a escrevivência de Conceição Evaristo como aposta metodológica para construir esse texto, uma escrita que não se esgota em si, e a se contrapõe ao texto convencional. A relação com o cabelo pode ser um possível disparador da descolonização e essa relação é atravessada pelos fatores raça e gênero. Armar nossos cabelos, amar nossa negritude e agenciar nossos recursos, como a escrita, é (re)existir e reafirmar nossas potências. Em meus cabelos habitam força e ancestralidade.

Palavras-chave: Cabelo crespo, Amor à negritude, descolonização.

Sumário

Carta aberta para minha criança	11
Desatando nós	13
Desembaraçando : Introdução	15
1 Nossas Histórias Importam	19
1.1 Cabelo como fio condutor	23
1.2 Raça e Gênero	26
2 O que o racismo fez comigo ?	30
2.1 Legitimação da violência	31
2.2 Risco à Integridade Física	36
2.3 Insegurança Emocional	45
2.4 Agenciamentos Psis.	52
3. Amar, Armar e Agenciar	56
3.1 Amando, Armando e agenciando nossos cabelos	58
3.2 Escrever como forma de agenciar	63
O que habita em meus cabelos ? : Considerações finais	69
Referências Fílmicas	71
Referências Bibliográficas	71

Em meu primeiro encontro de orientação neste programa, minha orientadora Ana Cláudia Monteiro sugeriu que as veteranas do grupo escrevessem cartas para mim e Júlia que estávamos ingressando em 2021. Algum tempo depois, quando me sentia insegura quanto a como iniciar esse trabalho, Ana me disse “escreva uma carta” sobre o que você quer falar, desta carta surgiu a introdução. Havia tempos que não escrevia e nem recebia cartas. Aprendi muito com Ana e com o grupo, e acho que as cartas vou levar como hábito. Todo hábito vem de uma construção e para firmar essa nova prática vou deixar aqui uma carta para mim.

CARTA ABERTA PARA MINHA CRIANÇA



Eu, em 1999, aos três anos.(arquivo pessoal)

Descrição da imagem: Na imagem estou com os cabelos crespos alisados um pouco abaixo da orelha, brincos de bolinha branco, uma marca de nascença redonda abaixo do olho direito, sorrindo e segurando um boneco teletubbie amarelo do lado esquerdo, visto uma jaqueta vermelha, o fundo da imagem é branco e apresenta alguns sinais de envelhecimento do papel nas bordas.

Escrever essa dissertação me fez olhar pra você, o que eu evitei por anos, agora me pego encarando cada detalhe seu, eu que achava tristemente feio, hoje consigo ver tamanha beleza, eu queria que você soubesse que não há nada de errado com você, que não é você que precisaria ser diferente e sim o mundo, mas não foi assim.

Em alguns meses você vai para escola , sua mãe já está te preparando, te ensinando os números e as letras para você chegar na escola sabendo. Seu pai vai se empenhar em pagar a escola , comprar os materiais e te buscar sempre que der. Juntos vão pensar em cada detalhe da nova fase, vão te explicar como funciona para você não se sentir insegura por ficar longe deles, sua mãe vai segurar sua mão quando você estiver com medo de entrar na escola e te incentivar a ir conhecer, eles vão te encher de tanto amor como sempre, mas não vão conseguir te preparar para quando uma criança colar chiclete no seu cabelo, ou quando alguém te chamar de “macaca” ou “cabelo duro”. Mas como preparar os filhos pra isso? você vai chorar e depois desviar o olhar, não falar, vai fingir que não está ali, e essa vai ser sua atitude por anos, em algum momento você vai parar de chorar, mas você vai fingir que não aconteceu, vai fingir que não ouviu ou não entendeu, vai escolher ir pela rua de baixo pra não encontrar o vizinho da rua de cima que zoa seu cabelo, quando avistar alguém que você sabe que pode zuar seu cabelo você vai se esconder. Vai fingir que não é com você quando passar pela rua e encontrar um grupo de meninos e um falar pro outro “olha sua namorada aí” e a resposta for “tá amarrado”. Vai fingir que não queria mesmo dançar na festa junina do ensino médio quando nenhum menino queria dançar com você. Vai levar muito tempo para que possa falar, que você pare de fingir que não aconteceu para se proteger, ainda vai ser difícil pra você falar mas você vai entender que pode colocar na escrita, colocar sua voz em palavras grafadas e suas dores em trechos, vai conseguir nomear, vai ser difícil você se curar de como o racismo mastigou sua autoestima mas vai chegar o dia que você vai ser olhar no espelho e ficar feliz com o que vê. Eu não queria olhar pra você porque eu só via dor e tristeza quando te encarava, e agora quando olho pra você eu consigo te ver, ver sua alegria, sua curiosidade, seus medos e palavras trocadas, consigo ver tanto amor que você recebeu, que bom reencontrar você.

Com amor, do meu eu de agora para minha
versão criança que aprendi a amar.

Duque de Caxias,

Setembro de 2023.

DESATANDO NÓS

Conceitos Básicos

Cara Leitora, Caro Leitor , para uma melhor compreensão vou abordar brevemente onde estão fundamentadas as ideias que serão expostas aqui. É sabido que o conceito de raça biologicamente não existe, mas historicamente o termo “raça” tem sido usado para estigmatizar e segregar corpos. Silvio de Almeida, doutor em direito, filósofo, professor universitário, presidente do Instituto Luiz Gama e um dos maiores pensadores contemporâneos da temática racial no Brasil, ao propor uma teoria social em “O que é Racismo Estrutural?”(2018) , destaca que não se pode compreender a sociedade contemporânea sem considerar os conceitos de raça e de racismo. Sua tese central é que o racismo é sempre estrutural, um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. O autor defende que o racismo se expressa nos níveis individuais, institucionais e governamentais e ressalta o caráter inconsciente do racismo. O racismo do dia a dia que Grada Kilomba (2019) vai chamar de racismo do cotidiano é o cerne deste trabalho, reconhecendo que todas as formas coexistem. Grada, escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa com um trabalho voltado para as questões de gênero, raça, trauma e memória, aponta a experiência do racismo cotidiano como traumática e que recria elementos de violência e choque.

No Brasil, de acordo com o IBGE, pretos e pardos constituem o grupo negros. O país sofreu um processo de embranquecimento da população e talvez seja essa corrente de pensamento higienista que faça com que no Brasil o racismo tenha o aspecto “marca” como importante, ou seja, os fenótipos negróides e tudo que remete a ascendência africana são alvo de violência e repulsa. Assim, pessoas pretas mais retintas e com traços afros mais marcantes tendem a estar mais propensas à exposição á violência, não afirmo isto no sentido de quantificar dores mas de expressar como o racismo aqui tende a negar e inferiorizar tudo de matriz africana, principalmente no que se expressa no corpo. A forma com que o racismo

atravessa cada pessoa preta é particular, no entanto a questão racismo é uma luta coletiva.

A escravização deixou marcas profundas no imaginário social, a naturalização da desigualdade e da opressão nas bases estruturantes desse país, torna tanto as classes dominantes quanto o estado omissos perante a opressão. Quando aparece “branquitude” “branquidade” neste trabalho, uso corroborando com o pensamento de Cida Bento (2022) sobre um “pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa a manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18). A autora defende a importância de questionar os impactos positivos da herança escravocrata para pessoas brancas que remete às relações de poder que asseguram ao confinamento de negros e negras a condições subalternas.

Aposto no uso do termo Negritude que abarca os fenótipos e também a atitude política de ser negro. E entendo o processo de descolonização como enfrentamento à ideologia racista. Descolonizar é se desvencilhar de noções enraizadas e muitas vezes mentirosas sobre nós.

O Racismo é uma estrutural, e o racismo do cotidiano que nos encontra todos os dias enfia o dedo em nossas feridas, é preciso descolonizar nosso pensamento e reconhecer no amor a negritude uma forma de combater o racismo. Considerando que o racismo não é problema dos “pretos” e sim um problema social. E nessa premissa que se sustenta esse trabalho com a intenção de desatar alguns nós que o racismo cria na nossa cabeça.

Boa Leitura!

Desembaraçando : Introdução

É difícil escrever essas linhas e contar essas histórias, muitas ainda não haviam sido divididas, outras estavam no mar do esquecimento e ressurgiram, do passado para o presente, nesse deslocamento provocaram tremores que incitaram um tsunami inundando todo esse texto.

Escrever marcas da minha história e traçar os caminhos percorridos até a mudança de rota, que se fez possível diante de diversos fatores como o reconhecimento da identidade racial e da expressão da negritude no corpo como algo político é sobre tomar posse e resignificar.

Aproximadamente em 2008/2009 cursava o sétimo ano do ensino fundamental, a professora de português havia passado um trabalho que consistia em apresentar um conto clássico infantil, porém deveríamos incluir a nossa ideia de como seriam essas histórias na vida real. Há um detalhe importante, geralmente entrego mais do que se pede, algo que pode ser simples transformo em algo muito maior, talvez seja uma forma de me reafirmar, provar que posso ir além ou talvez seja aquela velha frase internalizada ecoando na minha cabeça “por ser preta é preciso ser duas vezes melhor”. Então o que era a apresentação de um texto virou uma encenação, busquei e adaptei um texto da internet, criei diálogos e já fui pegando algumas coisas em casa que poderiam servir para a caracterização. No dia seguinte levei a ideia para o restante do grupo que logo a acolheu e foram dizendo os adereços que tinham em casa. Sobre a história em si não lembro muita coisa, mas tinha os príncipes, as princesas, outros personagens icônicos infantis e o narrador. E resumidamente, a Bela Adormecida dormia tanto que perdia os momentos bons da vida e não aparecia nenhum príncipe para salvá-la, a branca de neve estava angustiada após o “felizes para sempre” e fugiu com um dos anões, a chapeuzinho vermelho ficou com o Lobo Mau que tinha ganhado na mega-sena. As personagens não me eram semelhantes, minha estética não se encaixava, meu corpo não parecia adequado para habitar nenhuma daquelas narrativas que apesar de fins cômicos eram princesas e assim

acabei no lugar de narradora. A outra pessoa preta que tinha no grupo, um menino, no papel de Lobo Mau. Mesmo que eu tenha me dedicado muito naquele trabalho, me contentado com o lugar de narradora, afinal que outro papel poderia ter? No fim ouvi que fiquei com a parte mais fácil, era apenas a narradora, não tinha tantas falas, não precisava de adereços e podia ficar até de uniforme mesmo. É revisitando essa memória que reafirmo a minha escrita e a minha entrada no mestrado, fazendo o deslocamento para o papel de protagonista, de forma alguma vou me contentar com lugares dados e nunca mais serei a narradora, pois a minha escrita é a escrita da protagonista e esse lugar não vai ser mais tirado de mim.

Me agarro na abordagem afrocentrada, que traz uma valorização para o lugar de onde o olhar parte, eu parto de mim, dos meus e dos nossos. Para pensar a afrocentricidade uso os escritos de Molefi Kete Asante (2009), cientista e filósofo estadunidense, que nos apresenta a abordagem como forma de perceber os sujeitos como agentes atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses. Para tanto exige um processo de conscientização política e social que nos alertam sobre a natureza inconsciente do racismo. Entendo que o nosso corpo é o nosso recurso mais potente, e por potente me refiro as possibilidades, de amar, de expressar, de ser, de sentir e de reverberar nas nossas escritas e ações, assim me coloco a pensar o agir e o representar da afrocentricidade no corpo.

Me inclino diante da questão de “Amar a Negritude” como uma postura política que é o caminho apontado por bell hooks em “Olhares Negros” (2019). bell foi uma ativista, escritora e professora negra norte americana, trouxe diversas contribuições aos debates sobre feminismo e a luta antirracista. Uma temática muito presente nos escritos de bell é o amor, a autora propõe que “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser, e, portanto cria condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019, p. 63). Destaco o cabelo como um elemento marcante da expressão da negritude, e o afeto e cuidado com ele como uma posição de luta ao racismo, pois cuidar, zelar e construir um discurso político de um corpo que é constantemente alvo é um ato de (re)existência. No entanto amar a negritude não é algo dado, crescemos aprendendo o aposto, a recusar ao nossos

traços e fenótipos, internalizamos imagens de pessoas pretas como vilãs, malvadas e perfis estereotipados que nos levam a busca por se distanciar dessa imagem. Para construir uma história de amor com um corpo que aprendemos a odiar é necessário descolonizar nosso pensamento. Grada Kilomba (2019) afirma que um ato real de descolonização e resistência política é questionar “O que o racismo fez com você?” pois essa pergunta possibilita direcionar o olhar para si ao invés do outro. As narrativas que incitam esse trabalho surgiram do questionamento “Por que a relação com o meu cabelo faz com que eu me maltrate tanto? e depois “Por que o racismo faz com que eu maltrate meu cabelo e meu corpo?”. Neusa Santos Souza (2021), psiquiatra e psicanalista brasileira ao inaugurar o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo propõe que ser negro é um “vir a ser”, afirma que a experiência de ser negra implica um reconhecimento da confusão na identidade e no imaginário causados pelas opressões e exigências sociais, “mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades”.(Souza, 2021, p. 46)

Sendo assim, tenho por objetivo apontar como o racismo atravessa a relação da mulher preta com o cabelo crespo na contemporaneidade. Analisando as manipulações do cabelo afro, a princípio com o racismo como balizador, e depois após o processo de descolonização e da internalização do amor à negritude. Entendendo a relação com o cabelo crespo como um possível disparador de questionamentos que ajudam a dismantelar o colonialismo, reconhecendo a importância de resgatar o valor e o significado dos cabelos crespos para os povos pretos e que esse movimento se fortalece no contato com a epistemologia preta. Pretendo ainda pensar as implicações da psicologia nessa temática, pensando a clínica como mecanismo de romper formas instituídas de existência para criar novas possibilidades.

Esse trabalho nasce da memória, um elemento que está sempre em disputa, se pensarmos como foi construída e contada a história do povo preto, e como essa história nos é apresentada, principalmente na escola, sem considerar muitos elementos que carregam o simbolismo de luta, resistência e afetos. Nos atentamos a concluir que a memória está a serviço de algo ou alguém, quem tem o poder da narrativa conta a história e utiliza o recurso da memória de acordo com o seu

interesse. Trago em minha memória coisas que gostaria de ter dito, muitas histórias que foram contadas sobre mim e sobre os meus sem sermos questionados. Muitas barreiras e silenciamentos que o espaço da escrita nos permite trazer à tona, minha escrita surge e se reinventa a partir da memória, visitar o meu passado me dá artifícios para ressignificar o meu presente e potencializar a minha escrita.

É na escrevivência de Conceição Evaristo que construo esse texto. Conceição, linguista e escritora brasileira, cunhou o conceito de escrevivência que é uma escrita que não se esgota em si, e a partir desse operador construo minha narrativa, contrapondo o texto convencional. Ouso unir minhas histórias às histórias de autoras pretas que permeiam a temática em questão, contando e costurando narrativas que reflete a dor e muitos outros afetos de pessoas pretas.

Com a finalidade de compor esse trabalho, apresento no capítulo 1 “**Nossas histórias importam**” um apanhado de elementos que evidenciam como apagamento histórico e científico, assim como a violência e exploração buscam determinar a história dos povos pretos e que ao resgatar a história dos nossos ancestrais para além da escravização acessamos recursos para construir outras narrativas, nos lugares de autores e principalmente olharmos nos com outros olhos, não mais pela ótica do colonizador mas sim reconhecendo o valor de nossos corpos, história e cultura, possibilitando reconhecer nossos traços como elementos de afirmação da negritude no corpo e resistência frente a noção de beleza racista. Pautando a relação com o cabelo como possível disparador da descolonização. E como essa relação é atravessada pelos fatores raça e gênero. No capítulo 2 em “**O que o racismo fez comigo?**” Reúno narrativas que correspondem a vivências com o cabelo onde está presente o racismo e ausente o amor à negritude, e assim a legitimação da violência, o risco a integridade física e a insegurança emocional se instauram. E Aponto o amor a negritude e as práticas psíquicas como estratégias de enfrentamento ao racismo. A seção 3 “**Amar, armar e agenciar**” foi reservado o espaço para dissertar sobre como amar a negritude expressa no corpo e agenciar nossos recursos possibilita caminhos de luta frente ao racismo e novas possibilidades de se ver, de ver o outro e de (re)existir a partir da ideia de retomada da própria narrativa, nos construindo a partir da escrevivência.

1 NOSSAS HISTÓRIAS IMPORTAM

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas pelos mortos de hoje.

os olhos de nossos antepassados
negras estrelas que medidas de sangue
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorosa memória
a terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não é o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança
a certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

Conceição Evaristo

Aos corpos pretos é instituída uma política de morte, "o velho direito de matar" que diz Mbembe (2016, p.128), que perdura desde a colonização. O processo de escravização capturou, marcou e matou corpos negros e indígenas por mais de 300 anos no Brasil. Este poema de Conceição Evaristo que se refere à atualização desta política de morte me toma e me interroga "Quem são nossos antepassados?", "É uma memória só de dor?" "Esse corpo pode ir além de bambeiar e dançar?"

A história dos nossos começou bem antes dos navios negreiros, os povos negros escravizados no Brasil eram de diferentes localidades da África e distintas tradições, eram reis, rainhas, filósofos, cientistas e entre outros. Um povo com origem, cultura, costumes e saberes medicinais avançados que no olhar do outro eram desvalorizados e inferiorizados.

Ao referenciar essa memória penso que o sofrimento imposto aos corpos dos antigos que marcam até hoje os corpos dos mais novos. Não podemos esquecer e somos dolorosamente obrigados a lembrar, digo não podemos esquecer diante da

ideia de refletir profundamente sobre impacto da escravização e enquanto sociedade caminhar para não reproduzir e repetir, digo obrigados a lembrar enquanto pessoa preta que revive essa memória colonial atualizada pelo racismo do cotidiano.

Grada Kilomba(2019) fala de um trauma colonial a partir de uma memória implantada, indicando o questionamento dos saberes que adquirimos, assim questiono a história que aprendi na escola, que povos africanos foram escravizados e libertos pela Princesa. A liberdade ainda nos dias de hoje está sendo conquistada, nós que nos salvamos. e essa é a história de um povo que lutou, que resistiu, resiste e que não quer ser apenas um “corpo negro que bambeia e dança”, aqui Evaristo se refere ao movimento da morte desse corpo, ele bambeia ao ser atingido e dança, penso na dança como referência ao movimento e também emprego o valor cultural do termo, me remete aquele ditado popular "bobeou dançou" no sentido de movimento de perder, e no poema, perder a vida. Nesse ciclo de mortes penso em outros caminhos para esses corpos que não sejam só valas, se emprego ao dançar o sentido de movimento e entendo que esse corpo negro ele pode ir além do que ser alvejado bambeiar e dançar, ele pode escrever e dançar, produzir e dançar, amar e dançar. Essas possibilidades só existem quando escrevemos nossas próprias narrativas e destinos. Esse lugar vem de luta e recusa a essa política de morte. Essa morte é física e também cultural e epistemológica.

A noção de raça foi utilizada historicamente para categorizar a sociedade, sendo critério para demarcar superioridade versus inferioridade, ideia que sustentou a colonização. De acordo com Mbembe (2018) o surgimento da ideia de “raça” está diretamente relacionada à história do capitalismo, que sempre se utilizou de subsídios raciais para explorar os recursos do planeta.. Após a escravização as pessoas pretas estavam ‘livres’, sem restituições, sem oportunidades, e para onde vai esse corpo? o que pode esse corpo que não deixa de ser alvo ? Esse corpo relacionado ao primitivo, ao violento, ao feio, o outro, referenciado ao sofrimento, esse corpo que bambeia e morre.

Nas primeiras décadas do século XX se instaurou no Brasil o movimento eugenista, que visava o embranquecimento da população e que incorporado aos projetos políticos e científicos buscava na raça a explicação para a crise econômica

e estrutural que o país enfrentava. Além do racismo científico, outra forma de enclausurar a negritude foi a criminalização e marginalização das expressões artísticas e musicais como o samba, a capoeira e a demonização das religiões de matriz africana. Um apagamento que deixa marcas no nosso corpo e imaginário.

A crítica afrocentrada verifica que, em grande parte, o ocidente postula como conhecimento um conjunto de crenças que sofrem distorções oriundas do etnocentrismo ocidental (Nascimento, 2009, p.30). Fundamentados em perspectivas preconceituosas sobre outros povos, e reproduzidas no nosso cotidiano, nas mídias, na TV, no cinema e nos livros. Para Chimamanda é assim que se cria uma história única: “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”(Adichie, 2019, p.22). bell hooks nos interroga “Se nós, pessoas negras, aprendemos a apreciar imagens odiosas de nós mesmos, então que processo de olhar nos permitirá reagir à sedução das imagens que ameaçam a desumanizar e colonizar? (hooks, 2019, p.39). Ao falar sobre as imagens que absorvemos de nós, antropóloga e filósofa Lélia Gonzalez 1935-1994, importante intelectual e ativista brasileira, narra que:

“éramos sempre vistos como o oposto daquele modelo através do reforço pejorativo das nossas características físicas: cabelo ruim, nariz chato ou fornalha, beijos ao invés de lábios, tudo isso resumido na expressão “feições grossas ou grosseiras”. E quantos de nós se deixaram enganar por tudo isso, acreditando realmente que ser negro é ser feio, inferior, mais próximo do macaco do que do homem (branco, naturalmente). E a ideologia do branqueamento estético destilou o seu veneno mortal não apenas no interior da comunidade negra, mas no falseamento da nossa própria história. De repente, a rainha Cleópatra (que era negra) aparece nos filmes de Hollywood sob a imagem de Elizabeth Taylor; e, bem nos dias de hoje, a televisão brasileira imprime em nossas mentes a imagem de uma Dona Beja (cujo pai foi um escravo forro e, portanto, negro) quase loira e de olhos claros... (GONZALEZ,2020 , p.224)

Essas imagens perpetuam no nosso imaginário. Elisa Larkin(2009) aponta a afrocentricidade como caminho e defende que a matriz africana da diáspora nos apresenta referências para outras formas de entendimento de nós, mediante paradigmas. Como o adinkra sankofa que ensina o conhecimento do passado como pedra fundamental na construção do futuro. Para a autora,” é possível que um

paradigma afrocentrado de pensamento nem surgisse se a Europa e os Estados Unidos não resolvessem se apropriar, com exclusividade, da prerrogativa de escrever a história de todo o resto do mundo”(Nascimento, 2009, p.37). Essa apropriação nada mais é do que expressão de relações de poder, de acordo com Chimamanda “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”.(Adichie, 2019, p.23)

Considerando o apagamento histórico e científico que pessoas pretas sofrem, aponto a escrevivência e a oralidade como ferramentas de narrar-se. A escrevivência une memória, resgate e pertencimento, Conceição Evaristo define a escrevivência:

“em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer a imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertence também.”

(EVARISTO, 2020, p.11)

A memória também se inscreve no corpo e na voz. Leda Maria Martins (2021) defende que a história e saberes ancestrais são acessados não somente pela literatura mas também pelas manifestações performáticas. Em uma roda de conversa sobre escrevivência e oralitura promovida pelo Instituto Arte Tear, disponível no youtube, e realizada em setembro de 2021, com a presença de Conceição Evaristo e Leda Martins, Leda reitera que africanos trazidos à força não trouxeram livros, nem aparatos tecnológicos, no entanto todos os seus conhecimentos foram fundamentais na formação das américas em todas as áreas como a ciência, medicina e arquitetura. Reafirmando que os saberes não se inscrevem apenas na letra alfabética, mas sim numa imensidão de saberes.

Assim acredito no resgate das histórias afro diaspórica, na valorização das literaturas e contos produzidos por pessoas pretas, nas expressões artísticas e corporais sejam orais ou não, na negritude impressa nos corpos como formas de validar e perpetuar os conhecimentos de povos pretos e respeitar o lugar desses

sujeitos como protagonistas de suas histórias, entendendo cada vertente como lugar de resistência.

1.1 Cabelo como fio condutor

Uma amiga há algum tempo descobriu no ato de trançar uma forma de se reinventar enquanto pessoa e profissional, na tentativa de ter mais recursos para se manter cursando sua graduação em outro estado, enquanto passava as férias por aqui falou que gostaria de trançar meu cabelo, e assim foi feito.

Ao iniciar, ela soltou meus cabelos e foi esticando os fios de forma irregular com a escova e secador com o objetivo de facilitar o trançar, assim que concluiu o processo pediu permissão para tirar uma foto com o objetivo de fazer um antes e depois, é importante ressaltar que o cabelo estava desganhado e desarrumado. A pergunta foi seguida de um breve não, e levou alguns minutos para que pudesse verbalizar o incômodo, incômodo este que já tivera presente outras vezes quando via nos stories de outras pessoas algo similar. Mas naquele ambiente que era familiar havia espaço para falar, pois passamos uma imagem com nossos cabelos e será que refletimos sobre ela? Nossos corpos comunicam.

Expliquei a ela que talvez essa foto fosse passar uma imagem que eu não tenho a intenção de perpetuar. Se de um lado há uma foto com o cabelo desarrumado e de outro ele trançado e belo. O que fica entre o dito e não dito? nosso corpo conta uma história. Ao discorrer sobre o corpo, a antropóloga Nilma Lino Gomes (2020, p. 250) pontua:

O corpo localiza-se em um terreno social e subjetivamente conflitivo. Ao longo da história, ele se tornou um emblema étnico, e sua manipulação tornou-se característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem, e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O sujeito por meio do corpo, expressa algo e realiza uma ação determinada. (GOMES; 2020, p.250)

Historicamente o cabelo crespo foi relacionado ao sujo, a desordem, a produtos de limpeza como o bombril, e hoje podemos nos apropriar da narrativa que nos foi roubada, e reconhecer o cabelo crespo como resgate da ancestralidade. bell hooks nos provoca “a partir de qual perspectiva política nós olhamos, criamos e agimos ?” (hooks; 2019, p.36) e afirma que:

É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau.

(hooks; 2019, p.37)

Elisa Larkin (2009) afirma que uma missão da abordagem afrocentrada recente é desvelar e estudar a produção negada e escamoteada por um ocidente que se autodenominou o único dono da ciência (Nascimento, 2009, p.42). Chimamanda (2019) nos alerta sobre o perigo da história única, e suas narrativas incompletas.

Para hooks (2019) a descolonização enquanto processo político ultrapassa a proposta de resistência à dominação e estabelece um compromisso com lembrar o passado ao mesmo tempo que criamos novos caminhos. Os africanos escravizados eram obrigados a raspar seus cabelos , com a justificativa que seria melhor para a higiene, no entanto o objetivo real era apagar a identidade. O cabelo crespo é uma demarcação de etnia e carrega simbologia e significados. Gomes afirma :

No início do século XV, o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais. Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo os wolof, mende, mandingo e iorubás, foram escravizados e trazidos para o novo mundo. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas o sobrenome de uma pessoa poderia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e o único estilo.

(GOMES, 2020, p. 332)

Muitos dados da história dos africanos e africanas em diáspora foram perdidos e perpetuados através da oralidade. Há trabalhos e relatos que fazem referências à utilização de desenhos de rotas de fugas a partir das configurações das tranças nagôs (tranças rente ao couro cabeludo, feitas desde a raiz), e como esconderijo para grãos de alimentos a serem plantados em fugas para quilombos. Pesquisas em andamento abordam tanto o simbolismo dos mais diversos penteados e estilos de cabelo crespo e afro diaspóricos quanto sobre os aspectos físicos e químicos como a “Cabelo do couro cabeludo humano como adaptação termorreguladora” (2023), publicada pela revista científica PNAS (Proceedings of the National Academy of Sciences ou, em tradução livre, Processos da Academia Nacional de Ciências) com resultados que mostram que o cabelo mais crespo proporciona a proteção mais eficaz para o couro cabeludo contra a radiação solar, ao mesmo tempo que minimiza a necessidade de suor para compensar o ganho de calor. De todo modo, Gomes (2020) nos afirma que :

A etnografia dos penteados africanos nos mostra que o cabelo nunca foi considerado um simples atributo da natureza para os povos africanos, sobretudo os habitantes da África ocidental. O seu significado social, estético e espiritual constituem um marco identitário que tem se mantido forte por milhões de anos. É o testemunho de que a resistência e esforço e das culturas africanas perduram até hoje entre nós através do simbolismo do cabelo.

(GOMES, 2020, p. 338)

Assumir os cabelos crespos de forma que remeta a naturalidade dos fios é uma forma de resgate da identidade. De acordo com bell hooks (2005) muitos jovens negros quando param de alisar os cabelos percebem o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente explicativa da sociedade.

Com base no Dossiê A Revolução dos Cachos, publicado em julho de 2017, realizado pela Google Brandlab, o interesse por cabelos afro cresceu 309% nos dois últimos anos, enquanto a busca por transição capilar cresceu 55%. E de acordo com os gráficos é possível analisar que a busca por cabelos cacheados e crespos superaram a busca por cabelos lisos. E 24% das mulheres de 18 a 24 anos

reconhecem os cabelos como cacheado/crespo e quanto maior a idade mais difícil é declarar o cabelo como cacheado. Esses dados expressivos são também o resultado da atuação histórica dos movimentos militantes negros. O movimento negritude que se consolidou no Brasil na década de 1940 buscava estimular a afirmação dos valores, crenças e símbolos da cultura africana. De acordo com o Domingues (2005) em uma realidade onde apenas os modelos culturais brancos que vinham da Europa eram considerados positivos o posicionamento de rejeição a esse processo de alienação colocou os protagonistas da ideologia da negritude a se empenharem a resgatar e enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana. E O movimento black power que surgiu na década de 1960 sendo um movimento político e identitário que destacava o uso do cabelo natural como símbolo de enfrentamento a imposição da estética eurocêntrica com o marcante slogan “Black is beautiful” ou seja “ser negro é lindo” (Coutinho; 2001).

bell hooks (2019) interpela que mesmo que as lutas pelos direitos civis, e os movimentos políticos como o movimento black power tenham importância e relevância, multidões de pessoas negras continuaram a ser socializadas com imagens de massa e sistemas educacionais não progressistas e internalizando pensamentos e valores da supremacia branca. E afirma que apenas “mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos criar um mundo como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para negritude e para as pessoas com novos olhos”. (hooks, 2019, p.39) E assim podemos assumir e vivenciar imagens que incorporem a negritude sem temer.

1.2 Raça e gênero

A imagem que apresentamos de nós, pode ocupar um lugar central em nossas vidas, isso porque a aparência pode significar a inclusão ou exclusão, a garantia ou não da integridade física, assim como passar mensagens subjetivas, o corpo e a imagem passam a ser também produtos. Vivemos na era das cirurgias plásticas, harmonizações faciais, a busca pelo corpo perfeito e ideal. Neste contexto, o corpo e cabelo apresentam definições, o cabelo influencia na forma que o indivíduo é percebido na sociedade, abrangendo aspectos sociais, religiosos e simbólicos.

De acordo com o antropólogo Raul Lody (2004) , os cuidados com o cabelo vão variar em razão da cultura e crença. É inegável que mulheres sofrem muito mais pressão estética comparado a homens. Segundo Naomi Wolf, “quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas”.(Wolf, 1992, p.7). No entanto, as relações com o corpo e cabelo são atravessadas tanto pelo fator gênero quanto pela “raça”. Pessoas pretas tendem a sofrer preconceito e discriminação pelos fenotipos negroides e cabelo crespo, violência inculcadas a partir do modo natural do corpo. Grada Kilomba(2019) nos alerta que raça e gênero são inseparáveis:

“raça” não pode ser separada de gênero nem o gênero poder ser separado da “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo. O mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher mulçumana oprimida, o homem mulçumano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco liberal são exemplos de como as construções de gênero e de “raça” interagem.

(KILOMBA, 2019, p.94)

Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira, em seu livro “O Que é Lugar de Fala?” (2017), afirma que o lugar de fala remete a reconhecer a sua posição diante de determinada questão, uma vez que “ o lugar social que ocupamos nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO,2017, p.40). A autora propõe que os pretos estão no lugar do que chama de “objeto” da opressão, e os brancos no lugar de quem se privilegia”. As pessoas brancas ocupam um lugar de privilégio e dificilmente refletem a respeito. Sobre o lugar que ocupam na manutenção da estrutura racista e como se beneficiam. Uma pessoa branca ao ofender ou fazer piadas sobre o cabelo de uma pessoa preta , ela está delimitando não só o lugar do outro, mas o seu, reivindicando o seu lugar de superioridade, descobrindo na deslegitimação do outro um lugar de se autoafirmar, quando pessoas em cargos de liderança não questionam a presença de pessoas pretas naquele ambiente estão assumindo a postura de se manterem no “poder”. Sendo mulher e negra, o racismo sempre veio ao meu encontro, e a relação que estabeleci com o cabelo sempre foi peculiar. Pautar essa condição é reconhecer que

venho de um lugar marcado pelo machismo e racismo, e que esse lugar envolve atravessamentos.

O corpo e cabelo assumem caráter de afirmação e instrumento político para pretos e pretas. As crianças pretas desde muito cedo aprendem que tem algo de errado com o seu cabelo. Aprendem a odiá-lo, a acreditarem que ele é ruim, e que devem buscar algo para modificá-lo. Algumas nem chegam a reconhecê-lo, pois seus cuidadores já utilizam algum tipo de transformação antes que a criança possa se identificar com aquele cabelo e com os procedimentos muitas vezes invasivos e prejudiciais à saúde. Tanto homens quanto mulheres negras muitas vezes só experienciam o cabelo natural, penteados como tranças e dreads ou cortes de ascendência africana na vida adulta.

Quando meu irmão paterno vinha nós visitar, meu pai o levava para cortar o cabelo, ele raramente questionava o pai, às vezes dava pra perceber que ele estava cultivando o cabelo, os micro cachinhos definidos e embebedados de gel eram logo direcionados a serem dilacerados na barbearia mais próxima. Comigo e minha irmã as intervenções vinham mais de minha mãe, raras as vezes que meu pai penteou nossos cabelos.

Meu pai ordenava mas não dava muitas explicações a meu irmão, só dizia que ele devia estar sempre de cabelo cortado e arrumado. Neste trecho abaixo de uma das entrevistas que compõem o Livro de Lina Gomes (2019), um homem preto fala sobre como iniciou o hábito de sempre cortar seus cabelos curtos.

E o corte do cabelo veio daí. Então essa é a minha coerência. É nesse caminho também que me desenvolvi profissionalmente. (pausa) o que eu consegui quando era entregador de revista e depois passei a trabalhar numa banca de revista a aparência ajudou. Apesar de ser entregador de revista e ter que investir, tem que andar sujo mesmo... mas eu evitava o máximo. Porque a leitura que eu tive em mente que as pessoas iam fazer de mim é sobre a forma que eu me apresentava. Então, se eu tô limpo por fora: "e esse cara deve ser limpo por dentro", "esse cara deve ser confiável". Parece que a coisa é por aí ponto final então ... é... Foi polindo, até a fala, a fala também tinha que ser limpa. Até o momento que eu abri a boca para te falar, eu não tenho, não tinha ela para mim com essa clareza (pa, 35 anos, relações públicas)

Esse “limpo” tem ligação direta com a crença de que pessoas pretas são sujas e selvagens e que o branco é sinônimo de pureza. De acordo com Gomes (2020) essa noção de beleza/feiura certamente interferiu na relação que negros e negras estabeleceram com seus próprios cabelos e na relação aceitação/rejeição, uma vez que a forma de cabelo adotada pode significar se capturado pelas imagens negativas associadas a negritude. bell hooks (2019) relata que se deu conta de que, para pessoas negras, o peso de não poder controlar suas imagens, como se olham(no caso de um olhar não descolonizado) ou como são vistos, é tão intenso que isso nos estraçalha.

No entanto, as mulheres pretas têm suas trajetórias marcadas pelo sexismo, que busca delimitar lugares e julgar a forma com que esses corpos se apresentam baseados nos conceitos de papéis de gêneros enraizados socialmente. Para Gomes (2002) as meninas negras durante a infância são submetidas a verdadeiras rituais de manipulação do cabelo, a rejeição do cabelo pode levar à inferioridade e baixa autoestima. Djamila Ribeiro divide conosco:

“Um dia, quando levava minha filha à escola, um grupo de adolescentes começou a rir dela, que usava uma flor no cabelo solto. Minha filha nem percebeu, mas eu me aproximei deles e disse calmamente: "Estão rindo de quê? O cabelo dela é lindo. Se eu voltar e vocês estiverem aqui, eu vou pegar um por um". Claro que não faria nada daquilo, só queria assustá-los (e consegui!), mas ouvi críticas do tipo: "Ah, eram só adolescentes brincando" e eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá a sua autoestima aviltada, que desde cedo é ridicularizada?" .

(RIBEIRO, 2018, p.31)

Considerando que Mulheres pretas sofrem intervenções capilares mais incisivas desde a infância e também minha trajetória pessoal, que mesmo tendo a figura marcante de meu pai como apoio, proteção e afeto, foi e é cercada de narrativas femininas , de minha mãe, minhas tias, irmãs, primas, vizinhas, e amigas este trabalho perpassa em suma maioria pelas histórias de mulheres pretas.

2 O que o racismo fez comigo?

Foram vinte cinco anos
Pra eu me achar lindo
Sempre tive o mesmo rosto
A moda que mudou de gosto
E agora querem que eu entenda
Seu afeto repentino
Eu só tô tentando achar
A autoestima que roubaram de mim
BACO EXÚ DO BLUES

As linhas que se seguem querem contar sobre uma história de amor, mas não antes de passar pelo ódio, a relação com um corpo que aprendemos a odiar. Cresci acreditando que havia um problema comigo, que poderia ser o meu nariz, que mesmo colocando pregadores por minutos sempre que me lembrava, ele não afinava, ou o meu cabelo, que não parecia bonito pra mim e nem para as pessoas ao meu redor, talvez o problema fosse meus lábios se eles fossem finos eu não precisaria ouvir tantas piadinhas, quem sabe fosse a minha cor, na verdade o problema era algo que eu não tinha recursos para nomear: Racismo.

O racismo sorrateiramente acompanha corpos pretos e sentimos esse nó na garganta. Jurandir Freire Costa, professor, psiquiatra e psicanalista, pesquisa diversos assuntos como a violência contra as minorias e psicoterapia de grupos, nos atenta:

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante o sujeito vai controlar, observar, vigiar esse corpo que se opõem à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, o desespero ou a revolta resultante da diferença em relação ao branco vai traduzir-se em ódio ao corpo negro.

(COSTA,1983, p.8)

O racismo fez com que eu odiasse meu corpo enquanto me impulsionava para a negação e busca por modificação. O auto ódio é um recurso do processo de colonização, construímos nossa imagem com o outro como referência, como ideal de beleza, bom, interessante e válido e esse outro é a Branquitude. Não aprendemos a ter um olhar crítico para observar a estrutura que deslegitima a cultura, à estética e todos os aspectos da população preta, ao contrário, somos levados ao processo de familiarização, para se tornar o mais parecido com o ideal

do branco, e assim ter a possibilidade de felicidade, aceitação e ascensão, esse similar é próximo, mas nunca é igual.

Sendo assim, pensar um corpo preto é refletir sobre o lugar social que ele ocupa, mediante as categorias de raça, gênero, classe, deficiência e sexualidade e como esses atravessamentos implicam na

construção subjetiva e na sua integridade física. É importante destacar que estamos nos referindo a um corpo que foi historicamente escravizado, subjugado, inferiorizado e hiper sexualizado. E as marcas desse passado, perpetuadas pelo racismo, produzem uma dimensão simbólica.

Ao questionar o que o racismo fez comigo, me atento a pensar no que implica o ódio, como agimos quando odiamos algo? Acredito que a relação corpo/cabelo através do ódio e da negação perpassam a raiva, tristeza, rejeição e entre outros, mas vou me atentar a três aspectos: a legitimação da violência, o risco à integridade física e a insegurança emocional.

2.1 Legitimação da violência

A adesão a procedimentos químicos que prometem mudar a estrutura da fibra capilar por parte das mulheres negras pode estar associada a eventos traumáticos vivenciados na infância. O racismo tenta nos dizer que somos o erro e nós odiamos enquanto acreditamos nessa falácia . O auto ódio promove para a mulher preta sentimentos de incapacidade, insegurança, inferioridade e baixa autoestima.

A forma com que as famílias negras lidam com o cabelo podem ser distintas, e são influenciadas por diversos fatores como o nível de acesso à informação, recurso financeiro e engajamento à militância. Djamila Ribeiro, relata que seu pai ativista do movimento negro, tentava reforçar nela e em sua irmã uma relação positiva com a negritude desde a infância. Em seu relato Djamila (2021) conta que:

Quando eu tinha seis anos de idade eu brincava com as vizinhas na escadaria do prédio, bem ao lado do nosso apartamento. Enquanto a gente combinava a brincadeira, uma das meninas brancas questionou: “Mas se Djamila é preta, ela não pode brincar com a gente, pode?” “ih, é verdade! Você não pode ser mãe da nossa boneca.” Eu não retruquei, tinha só seis anos de idade. Por mais que me incomodasse muito não poder brincar com

elas, o que elas diziam parecia fazer sentido. Minha mãe era negra, meu pai era negro, meus avós eram negros, eu e meus irmãos também. Na minha cabeça de criança, aquelas palavras foram cortantes, mas lógicas. Meu pai, que tinha escutado tudo, dias depois chegou do trabalho com um presente para minha irmã e para mim. Nós tínhamos o hábito de espera-ló no portão do prédio e, assim que ele dobrava a esquina, a gente corria fazendo aviãozinho com os braços para pular no colo dele. Neste dia, porém, estávamos em casa. Quando abri a caixa e vi a pequena boneca marrom, um mundo pareceu se abrir. Lembro até hoje do cheiro dela e da minha alegria em me exibir pelo prédio. De pegar um lençol velho, estender embaixo da escadaria e começar a montar a minha casinha, com a boneca que poderia ser a minha filha. anos mais tarde fui entender a magnitude do gesto do meu pai. Imagino o quanto lhe deve ter doído escutar as palavras daquelas meninas, quantas memórias podem ter sido acionadas. Sem falar no quanto ele deve ter andado para encontrar, em 1986, bonecas que se parecessem com suas filhas.

(RIBEIRO,2021, p.20)

No entanto, imersos numa cultura racista é difícil não sermos capturados pelo padrão de beleza eurocêntrico e principalmente pelos “benefícios” que parece oferecer, como esquiva dos insultos e adequação a um determinado grupo, porém são apenas ilusões. Patrícia Bouzón (2010) em sua tese de doutorado intitulado: “Construindo identidade: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro.”, apresenta uma análise de como os indivíduos elaboram esteticamente suas inserções na sociedade, e afirma que “o cabelo classifica e hierarquiza, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e distancia, deixando pouco espaço para indefinições” (BOUZÓN, 2010, p. 278).

Por mais que o pai de Djamila tentasse que a filha fizesse as pazes com sua negritude, as revistas, a Tv e os insultos que recebia diziam ao contrário, ela insistia ao pai que a deixasse alisar o cabelo, ele por muito anos negou. De acordo com a autora:

Quando a permissão veio, eu tinha a ilusão de que ficariam iguais aos das mulheres brancas nas capas de revistas, que voariam e balançariam com o vento, mas isso não aconteceu. Eu queria levar o pente e a escova como as meninas brancas faziam. No recreio, elas se sentavam em um lado

específico do pátio e ficavam escovando os cabelos enquanto conversavam e eram admiradas pelos meninos. Numa das primeiras vezes que alisei o cabelo, também levei minha escova. Sentei ao lado de umas meninas e fiquei ali, satisfeita, passando a escova que deslizava com mais facilidade nos fios alisados. Por um momento, foi uma sensação incrível até ouvir um garoto mais velho me atacar: “Cuidado para não quebrar o pente!”. As gargalhadas das outras crianças desafinaram a sinfonia que eu escutava e, morrendo de vergonha, eu imediatamente guardei a escova e me levantei.

(RIBEIRO,2021, p.30)

Angela Davis, Filósofa e ativista estadunidense, desde a década de 60 é uma poderosa voz na luta a favor dos direitos civis para pessoas negras, engajada contra as opressões de raça, gênero e classe, se opôs ao governo e as leis segregacionistas, chegando até a ser incluída na lista de pessoas mais procuradas pelo FBI. Em 1970 afirmou “Eu sou uma mulher negra revolucionária”. Em “Angela Davis: uma autobiografia”(2019), lançada originalmente em 1974, traz alguns relatos de como era sua relação com o cabelo na infância e adolescência. Seus pais eram professores e participantes ativos de movimentos antiracistas como a NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor), conta que sua mãe não a permitia alisar o cabelo e que adorava passar os fins de semana com suas primas no Ketona em Alabama, pois elas sempre passavam pente quente em seus cabelos e o deixavam totalmente liso, e ela ainda poderia aproveitar e ir para a escola com o cabelo alisado por alguns dias, até que sua mãe a obrigasse a lavar.

Na minha família, alisar os cabelos era habitual, antes que eu pudesse me olhar no espelho e me reconhecer de um jeito ou de outro, ainda com menos de 3 anos, iniciaram as manipulações químicas no meu cabelo. O objetivo era passar uma química “leve” para abaixar o volume e soltar os cachos, tornando o cabelo mais fácil de pentear. Em alguns dias todo o meu cabelo foi quebrando, seria o primeiro de muitos cortes químicos que estariam por vir.

Daí em diante foram muitas formas de alisamento e muitas consequências. Passamos pela Guanidina, Toim, Produtos à base tioglicolato e hidróxido de sódio, permanente, henê que além de alisar deixava o cabelo pretinho, pretinho. Progressiva a base de formol, definitiva, inteligente, era sempre um produto novo ou algo tradicional que não tentamos ainda, que seria milagroso e finalmente iria se

adaptar. A promessa do cabelo liso, grande e cheio de vida, mas antes era necessário cortar bem curtinho para tirar a química anterior, o produto era passado por alguns meses até ser deixado de lado e recomeçar o ciclo.

Além dos alisamentos, havia também os penteados, no dia a dia, sempre num ritual cercado de muito choro, minha mãe penteava meus cabelos e prendia. Quando tinha algum evento ela me mandava até um armário próximo comprar os elásticos pros penteados, ela se sentava no sofá e eu no chão entre suas pernas, para ela era difícil fazer as divisões enquanto eu me remexia no chão, pra mim era difícil a hora de desembaraçar que era semelhante a um castigo ela dizia “quem mandou nascer com o cabelo assim?” e seguia firmemente. Com o penteado pronto já não tinha mais choro, até esquecia depois dos elogios que recebia. A criatividade de minha mãe afluía e ela fazia diversos penteados, divisões e tranças, muitas vezes com adereços que combinavam com a roupa que iríamos usar, era sempre comentado na família “como Cleia cuida bem dessas meninas”. Tempos depois se popularizou os “miojinhos”, que eram umas trancinhas bem fininhas de kanekalon que de longe pareciam uns cachinhos, geralmente ela colocava um tamanho que batia abaixo dos ombros o que me permitiam ter um balanço, eu jogava o cabelo igual a Joelma do Calypso, que era uma banda que fazia sucesso na época, não estava nem aí pra quem me chamasse de cabelo de boneca. Sobre as tranças, Gomes afirma que:

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-o na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos.

(GOMES, 2020, p. 202)

“Pra ficar bonita sofre” era o que minha mãe me dizia, muitos pretos e pretas vivenciaram ou vivem inúmeros procedimentos capilares invasivos e prejudiciais em nome da beleza, onde a dor e o mal-estar estão presentes, mas são justificados pela

“necessidade” de ajustamento e com um quê de punição. A atriz e produtora norte-americana Viola Davis em sua biografia “Em busca de mim”, adentra suas memórias desde a infância até o estrelato. Em uma de suas narrativas conta que o feriado de páscoa era um dia importante na sua família e sua mãe se dedicava em deixar ela e suas irmãs bem arrumadas, ela afirma:

Minha mãe usava pente quente no cabelo — um ferro para enrolar e um pente para alisar que eram aquecidos no fogão. Com pomada Blue Magic, ela alisava e fazia cachos nos nossos cabelos para a Páscoa. Na minha opinião, era um ritual sádico. Ela batia na gente e gritava — “Sossega o facho ou vou te queimar” — se nos encolhêssemos. Quando aquele pente quente atingia uma mecha de cabelo oleosa, que chiava e caía na orelha ou no rosto, era impossível não se encolher. Às vezes, ela se distraía com a conversa e deixava o pente e o ferro no fogo por tempo demais. Esses ferros super quentes esturricavam nosso cabelo. “Sossega o facho!” No fim, ficávamos tão adoráveis em nossos vestidos longos e sapatos novos, mas, caramba, como parecíamos ensebadas. Mas não ligávamos! Nós amávamos. Nossos pais nos davam doce, algum dinheiro, e ficávamos no pátio esperando alguém passar para ver como estávamos engraçadinhas.

(DAVIS,2022, p.61)

Quando eu penteava o cabelo da minha afilhada, sua mãe sempre intervia e falava “você tem que puxar mais” “aperta aqui” “estica ali”, geralmente as intervenções vinha quando ela estava muito quieta e tranquila enquanto eu a penteava, e isso soava estranho para a mãe, parecia que tinha algo errado se a menina não reclamasse de dor.

Foi reforçado no meu imaginário a relação beleza e sofrimento, que a dor fazia parte do ritual de cuidado. Minha mãe cresceu em uma instituição para crianças em situação de vulnerabilidade, onde seus cabelos eram sempre cortados, e que quando passou a ter liberdade de agir sobre seu próprio corpo deixou o cabelo crescer mais não muito a ponto de parecer um black. Eu não aprendi a odiar o meu cabelo por culpa da minha mãe, ela que aprendera muito antes que aquele cabelo não era aceitável e tentava impedir ou amenizar quaisquer possíveis dores que chegassem perto de mim, e sou grata por todas as tentativas e principalmente por ter criado uma mulher que questiona. Foi muito difícil passar pela transição sem o apoio da minha mãe, mas hoje entendo que ela queria me privar de dores que

carregava e queria que eu pudesse alcançar os maiores voos que já eram difíceis de alcançar para corpos pretos que buscavam estar na conformidade.

Legitimar a violência nesse contexto remete a associar que a violência é algo inerente a este corpo, o que é incabível, pois os corpos pretos são passíveis de serem amados e amar, cuidar e serem cuidados, a violência está na política de morte direcionada a esses corpos e seus imaginários. Quando naturalizamos a violência estamos suscetíveis a colocar nossos corpos em situações de risco sem refletirmos sobre seus efeitos.

2.2 Risco à Integridade Física

Ar-ris-car, do Italiano rischio, di riscare, sinônimo de aventurar-se, significa se expor à boa ou má fortuna; sujeitar-se ao arbítrio da sorte; expor-se ao perigo e possibilidade de perda ou dano. Arriscamos muito ao longo da vida, arriscamos confiar, amar, mudar, arriscamos sonhar. E o risco, a probabilidade de perigo pode se concretizar, sermos traídos, não correspondidos, não nos adaptarmos, planos e metas serem frustrados. O racismo torna arriscado a vida para corpos negros, corpos confundidos, violados e violentados, a qualquer descuido um risco. E além disso, o racismo nos leva a arriscarmos o nosso próprio corpo, nos atravessa a tal ponto que arriscamos a nossa integridade física, com práticas lesivas à saúde.

Cada vez que aplicávamos algo no cabelo, minha mãe ficava atenta ao tempo, pedia para marcar o horário e contava o que aconteceu com sua irmã. Um dia uma tia minha fez o cabelo de outra tia, as 2 não sabiam ler muito bem, a que aplicava o produto passava-o por todo o comprimento e depois era só aguardar 10 minutos. E com a cabeça ardendo minha tia pulava de um lado pro outro, diz minha mãe que a agonia era tanta que ela não se aguentava parada, gritava que ia lavar pois estava queimando e a outra teimava com ela “não, não vai lavar mesmo, estragar todo o serviço que eu fiz? vai esperar o tempo do produto sim”. Mas antes de encerrar os penosos 10 minutos ela correu pro tanque em busca de alívio para ardência, enquanto a água batia no seu couro cabeludo amenizava a dor, e levava pro ralo todo o produto juntamente com o cabelo dela, não restou quase nada, a cabeça ficou lisinha, lisinha, mas por pouco tempo, em instantes já se percebia a formação

de bolhas, queimaduras de segundo grau foi o que a enfermeira disse após irem pro posto quando a febre começou. Ela ficou com a cabeça toda machucada e a outra com a mão coçando do contato com o produto e a cara inchada do soco que levou da primeira que a culpava pelo desfecho. Depois, só depois ela pediu pra minha mãe ler a embalagem, lá dizia que entre a aplicação e a remoção do produto não poderia exceder o tempo de 10 minutos, caso o cabelo fosse muito volumoso era pra ir aplicando e lavando. O produto em questão era a base de soda cáustica.

Em semelhança a história de minhas tias, Nilma lino gomes nos conta em seu livro “Sem perder a raiz : Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” que reúne entrevistas com clientes e profissionais em salões de beleza assim como registros e memórias suas e dos seus, o seguinte trecho:

Quando estava um pouco mais crescidinha, experimentei também a pasta à base de soda cáustica que queimou não só a minha cabeça como a de milhares de homens, mulheres e crianças negras brasileiras. Técnicas e produtos que foram aos poucos sendo aperfeiçoados e transformados até que, nos anos 1990, deram lugar aos sofisticados cremes de relaxamento e permanente-afro. O pente quente cedeu lugar ao babyliss, à escova, à prancha e, mais recentemente, ao ferro marcel. A banha de porco e a vaselina cederam espaço a uma diversidade de produtos étnicos usados para amaciar, desembaraçar, alisar, relaxar e dar brilho ao cabelo crespo. Contudo, mesmo as técnicas consideradas, hoje, como arcaicas ainda continuam sendo usadas em muitas casas, pelos negros dos setores populares, configurando um misto de passado e presente, tradição e modernidade, somado às reais condições econômicas da comunidade negra. (GOMES, 2020, p.344)

Apesar do alisamento poder significar conformidade frente à opressão estética e social que é imposta a corpos pretos, as técnicas e produtos utilizados apresentam aspectos relacionados a uma afirmação de atenção à estética preta e também de empreendedorismo.

Madam C. J. Walker , cujo nome de nascença é Sarah Breedlove, foi a primeira mulher a se tornar milionária por conta própria nos EUA, história retratada na série da Netflix “A vida e a História de Madam C. J.”, a ativista abordava sobre cuidados e produtos adequados para cabelos afros, popularizou o uso de pente quente e ofereceu um caminho para ressignificar a história de outras mulheres a partir da possibilidade de autonomia financeira no sentido de facilitar outras opções de trabalho para mulheres pretas como cabeleireiras e vendedoras.

Em um episódio da série da Netflix, num contexto em que a Madame tenta vender um produto capilar para outras mulheres pretas, uma delas fala que não tem tempo para pensar em cuidar do cabelo em razão do seu ofício como lavadeira e na lavoura, outra cita que quer tentar uma vaga de recepcionista em um hotel inaugurado recentemente, mas tem receio pois sabe que vai ser considerada alguém fora do perfil. Mulheres pretas na condição que lhe era apresentada não podiam ousar em se preocupar com os cabelos. Na produção ambientada no início dos anos 1900, pouco tempo depois da libertação dos escravizados, em um cenário onde as pessoas pretas lutavam por oportunidade de trabalho, moradia e acesso à saúde e educação, a série aborda a inserção de homens negros nos negócios e empreendimentos, sendo aceito em espaços que eram outrora restritos, ao homem preto não é atribuído muito ou quase nada na verdade de poder de articulação, mas as portas e seu lugar na mesa estão postos e mesmo lutando contra o racismo para garantir as condições mínimas para sobreviver e progredir o machismo e o sexismo não o permite acolher as questões da mulher preta. “Como esse país vai ser levado a sério se deixarmos nossas mulheres nos superarem?” Essa é uma fala usada por um empresário quando a ativista busca apoio de investidores para o seu negócio. Muitas camadas de opressões nos aprisionam, às vezes o véu de nossos olhos se descortina para algumas e outras ficam escondidas. Madame lutava para proporcionar às mulheres pretas cuidados com os cabelos, sua proposta tinha fundamento no pensamento de que cabelo é poder e isso só foi possível com o apoio e ajuda de outras mulheres pretas.

A criação de salões afros insere a ideia de cuidado, mesmo que precário e inseguro, pois mesmo que não abrace a aceitação do cabelo natural traz um espaço de afirmação da identidade negra e um lugar de afetos. O cabelo remete aos processos de subjetivação que desenham a ideia do ser preto. Para Nilma Lino Gomes:

É possível que o movimento rejeição/aceitação do cabelo crespo e do corpo negro impulse a ida de um homem ou mulher negra a um salão étnico na expectativa de realizar uma mudança na aparência, de sentir o prazer de ser cuidado, de sentir-se belo ou bela. Mas essa ida pode também estar vinculada à crença de que a mudança do cabelo e do corpo pode ser usada como um passaporte para maior aceitação dentro de determinado grupo social ou em determinado círculo de amizade. Ao mesmo tempo, a ida ao salão pode ser usada como forma de afirmação da identidade negra,

expressando a conquista do direito individual e coletivo do negro de transformar a sua imagem de forma criativa e autônoma, e não mais escondê-la. Para tal, o uso de diversas tonalidades de cabelo, a feitura dos mais variados penteados, inclusive aqueles que tradicionalmente não são “permitidos” socialmente às pessoas negras, são reivindicados e experimentados. É dessa maneira contraditória, complexa e conflitiva que os sujeitos que frequentam os salões étnicos constroem o grande caleidoscópio da identidade negra.” (GOMES, 2020, p.145)

Aos 9/10 anos a rotina dos cuidados com o cabelo já eram cansativos demais pra minha mãe, meu sofrimento durava longos minutos ou horas, o dela horas ou dias, afinal tinha que dar conta do próprio cabelo e do cabelo de duas crianças, então começaram os procedimentos fora de casa.

O primeiro que me recordo era o pente quente, nesse fazíamos eu e minha mãe. Minha irmã ainda estava sob o efeito soltar os cachos. No intervalo de uns 40 dias nós íamos a casa de uma Senhora que ficava uns 15 minutos de ônibus da nossa casa. No seu salão improvisado na varanda, primeiro minha mãe e depois eu, nos sentávamos durante horas enquanto a senhora passava o pente quente em nossos cabelos, às vezes na testa, ora no couro cabeludo e de vez enquanto na orelha e se tentasse por impulso se proteger, queimava a mão também. Saímos com cabelo escorrido e balançando, apesar das queimaduras.

O pente quente já estava ficando obsoleto, a senhora idosa já dava seus últimos suspiros de vida e a situação financeira apertava, voltamos a fazer o cabelo em casa.

Quando as coisas melhoraram, e essa demanda começou a bater novamente na porta da minha mãe, já tinha muitos salões para cabelos afros, e passamos por vários. Uns tinham até linhas completas de produtos para cuidar do cabelo em casa, que na época não era coisa comum de ser ver na farmácia, produtos para cabelos crespos e cacheados. Em outros tinha plano e um carnê a se pagar todo o mês. Esses salões tinham ótimas estruturas bem diferentes do que eu estava acostumada, e eram decorados com fotos de cabelos lindos e trazia uma noção de que com o cuidado certo o meu cabelo teria jeito. Havia sempre algo que impedia a gente de continuar os procedimentos nesses salões, esse algo era a minha saúde, minhas crises de bronquite eram constantes, os efeitos variaram de acordo com o tempo, em um eram manchas na pele ou pus nos olhos, em outros feridas e queimaduras na cabeça. Tentaram de tudo, colocar toalha molhada no meu rosto

durante a aplicação da química, misturar com creme, e outros, mas sempre tinha reação. E aí saímos, quando não era isso, com alguns meses minha mãe achava que não estava dando o resultado esperado e desistia.

Quando o permanente afro chegou pra mim, era como uma espécie de passeio, começou com uma vizinha que surgiu com os cabelos cheios de cachinhos e indicou o serviço. Era um procedimento diferente. Logo no dia marcado, geralmente um sábado saímos de casa por volta das 8 da manhã e retornamos no fim da tarde, o salão ficava a distância de 1 hora de carro. Assim seguíamos eu, minha mãe, minha irmã, a vizinha que dirigia e a outra vizinha. Curioso que a vizinha que nos levava tinha medo de dirigir e os únicos lugares que ela ia de carro era na casa da sua mãe e fazer o cabelo. Às vezes levávamos comidas e bebidas para o dia todo e dividimos entre nós, outras comíamos por lá mesmo, sempre aparecia na porta do salão alguém vendendo sanduíche, empada e outras coisas. Eram procedimentos longos que começavam com desembaraçar e dividir o cabelo, passava o relaxante, após era a vez do bigudinho junto com outro produto em seguida o neutralizante que tinha a função retirar os resquícios da química, e depois era a hora de lavar, hidratar e finalizar. Saímos com o cabelo encharcado de creme, mas quando secava lá estávamos cachinhos formados e brilhosos.

Tenho muito carinho por essa fase, aquele não era um salão improvisado na varanda de casa, mas também estava longe de ter uma superestrutura, só que lá tinha uma peculiaridade que ainda não tinha encontrado, a troca, troca de histórias, receitas e experiências, falávamos da vida e dos mais diversos assuntos. Eram mulheres pretas, num espaço que apesar dos pesares se fazia acolhedor eram mulheres pretas que cuidavam de outras pretas, estar naquele ambiente trazia boas sensações. Ao chegar em casa, corria pro espelho e ficava me admirando, me sentia bonita e não tinha vergonha de tirar foto. Mas essa segurança se retinha apenas ao espaço de casa, quando saía eram muitos comentários que invalidavam e na escola, muitos apelidos.

A vizinha que tinha o carro, o cabelo dela não era crespo como nosso, era cacheado e o procedimento nela durava cerca de quatro ou cinco meses e o nosso um mês e meio já sentimos a necessidade de fazer de novo. Então foi deixando de fazer sentido ir apenas junto com ela. Começamos a ir de ônibus que mudava o

trajeto para cerca de 1 hora e 40 minutos a outra vizinha que ia com a gente tinha algumas questões de locomoção, resultante de um AVC, e a falta de adaptação do ônibus tornava o trajeto muito ruim pra ela, às vezes o filho dela nos levava e depois buscava, com o tempo fomos indo cada vez menos.

Alguma fase da adolescência os miojinhos eram infantis demais e já tinha ficado entendido que não tinha jeito para o meu cabelo e o melhor era maquiá-lo, havia chegado a era do mega hair. Também chamado de implante, consiste em colocar mechas de cabelo humano ou sintético junto ao cabelo natural, existem várias técnicas, a mais utilizada é o nó italiano, onde com pequenas divisões o cabelo é amarrado um no outro. A implantista que fazia o cabelo da minha prima sempre tinha um cabelo usado mas em bom estado para repassar, e foi assim que coloquei meu primeiro cabelo que custou 180 reais mais a mão de obra que não me recordo o valor. O cabelo era castanho escuro, liso com as pontas onduladas, me sentia linda e os elogios na rua reforçavam. O procedimento ficava uns 2/3 meses até o espaço entre a raiz e o nó ficar muito grande. Alguns dias antes da vinda da trancista era necessário relaxar o cabelo e deixá-lo bem esticadinho para que não destoasse tanto junto ao outro tipo de cabelo a ser colocado. O cabelo então já sensível pelo alisamento recebia muitos outros fios que o abafavam. Quando tinha que ficar um tempo sem o cabelo seja para fazer todo o ritual de troca ou por não ter condições financeiras, era uma tortura, parecia que toda minha segurança ficava com o cabelo.

“Sem meu cabelo, me sinto feia”, “não saio de casa sem alongamento”, essas são falas que Nilma Lino (2020) recolheu ao entrevistar jovens que usavam alongamentos, a antropóloga conclui que o uso da extensão capilar possibilita uma maior oscilação dentro do sistema classificatório, as meninas que antes, ao usar o cabelo natural ouviam “crioula”, “negra”, “negona” passaram a ser chamadas de “morena”, “morena linda” pelos homens negros e brancos na rua, demonstrando como os cabelos podem ser elemento para hierarquizar e reativar sentimentos de inferioridade. Uma das entrevistada revela:

“...Já fiquei internada por não ter o cabelo.. Fiquei internada no hospital, eu entrei em depressão muito forte, porque eu não tava com o meu cabelo... Não tinha no mercado o meu cabelo porque o meu cabelo vem de São Paulo e São Paulo faz o pedido pro... não sei se para os Estados Unidos,

para onde que é... Eu entrei em depressão porque eu fiquei só com rabo de cavalo e eu já não tava me gostando, já não tava me achando bonita, porque é uma coisa, que nem uma água da fonte: “Quem bebe dessa água sempre volta!”. O cabelo é a mesma coisa: “Quem põe não tira!”. Não tenho coragem de ficar, principalmente no meu caso. Eu tenho um namorado que já pediu pra Núbia pelo amor de Deus pra ela não me deixar sem cabelo! Mas eu já tive um outro que não gostava do alongamento... Entendeu? (C., 23 anos, dia 9/06/2000)

(GOMES, 2020, p.124)

O alongamento passa a ser um significante de beleza, sensualidade e autoestima. Minha prima falava que nosso cabelo não tinha balanço, brilho, não tinha peso e era ralo e por isso era melhor colocar o implante. Hoje cada vez que encaro meu cabelo vejo suas características e não é nada do que imaginava que era, uma vez que todos aqueles procedimentos que faziam ele ser daquela forma. Para Viola Davis o alongamento também já foi sinônimo de segurança, a atriz relata:

A maior surpresa da minha vida foi que, naquele único semestre, floresci. Atuei em Mrs. Warren's Profession, uma peça de George Bernard Shaw. Fiz parte de um grupo de improvisação. Fiz uma aula para falar em público que mudou a minha vida. Fui muito bem academicamente e fiz amigos incríveis. Foi a primeira vez que fiz entrelace no cabelo, o que foi muito importante para mim na época. Naqueles tempos, eu me sentia bonita; muito bonita. Mantive o bendito entrelace até que a linha da costura ficasse pendurada no ombro.

(DAVIS, 2022, p.123)

Às vésperas de alguma data comemorativa, talvez meu aniversário ou natal, minha mãe me levou a um shopping da nossa cidade que é muito conhecido por ter produtos para mega hair e tranças, as tranças não eram tão populares na época. Esse dia me marcou muito, minha mãe deixou cerca de 500 reais lá, uma promoção que incluía a retirada do cabelo que eu estava, um cabelo novo de 80 cm e a sua colocação.

Minha mãe parou de trabalhar “fora” quanto eu tinha uns 2 anos, era difícil para ela encontrar alguém que ela poderia confiar meus cuidados, isso devido a inúmeros estresses e também pagar alguém não compensava tanto. Mas ela sempre vendeu alguma coisa, por uns anos teve um trailer de bebidas e petiscos, já vendeu lanches

em casa, sacolé, doces na porta de casa até conseguir construir uma loja, hoje ela tem uma mini mercearia na qual de tudo se encontra. Num certo ano minha mãe ficou por meses bordando panos de prato e às vésperas do Natal fomos vender no centro de Niterói, meus tios moram em São Gonçalo então íamos para a casa deles e pela manhã saíamos para vender, no começo da noite voltávamos. Forrávamos um pequeno lençol no chão e expúnhamos os panos, às vezes quando tinha guardas próximos ficávamos com os panos na mão mesmo. No último dia de venda, que era o dia da véspera natal, encerramos já era quase 19h e fomos num salão fazer as unhas e os cabelos, minha mãe não tinha me falado antes e eu fiquei muito empolgada quando chegamos. E naquela correria de fim de ano sentamos para sermos atendidas, a moça que veio fazer minha unha, reclamava que eu tinha pintado minha unha do pé com glitter e que estava difícil de tirar, ela brigava comigo e puxava meu pé de uma forma que doía, era muito desconfortável ter uma pessoa estranha sendo ríspida comigo e ainda tocando em mim, mas era natal, tínhamos vendido todos os panos e iríamos sair dali bonitas, não poderia chatear minha mãe com essas coisas, mas aquela sensação estranha ficou.

E nesse dia no shopping center, fui de encontro com essa mesma sensação, o funcionário do salão que era uma pessoa que eu não conhecia, manipulava meu cabelo de uma forma rude, como se não quisesse fazer aquilo e descontava no meu cabelo. Na técnica de aplicação do megahair que citei, a amarração é feita com um elástico e na hora de retirar se passa uma lâmina para soltar, e enquanto o jovem mirava a lâmina e no nó às vezes acertava meu cabelo, quando os fios embolavam na hora de desvencilhar um cabelo do outro ele cortava logo tudo com a tesoura e assim ia pro chão o elástico, o mega e o meu cabelo. Eu imobilizada pelo medo, desespero e tristeza não conseguia falar nada, tentava segurar as lágrimas afinal ficaria tudo bem pois sairia com um cabelo longo e liso.

Acredito que já é possível ter um panorama de como ficou o cabelo passado o tempo de tirar o mega, desigual, quebradiço e fraco. Quem cresce estabelecendo esse tipo de relação com o cabelo provavelmente conhece alguém que passou por isso, uma vizinha, uma amiga ou a prima de fulano, com desfechos piores, como ter o couro cabeludo tão danificado que impede que o cabelo cresça, a chamada alopecia. A alopecia é a perda dos fios capilares na região da cabeça ou em outras

partes do corpo, sendo de vários tipos podendo ocorrer por diversos fatores. Um estudo realizado pelo *Jornal Internacional de Dermatologia* (2019) aponta que mais de uma em cada dez mulheres negras sofrem de queda excessiva de cabelo, o considerado normal é perder em média 100 fios de cabelos ao dia. A pesquisa indica que 11% das mulheres de origem africana são afetadas, contra 5% das mulheres de outras origens. De acordo com a dermatologista Katleen Conceição, especialista da Sociedade Brasileira de Dermatologia, alguns tipos de alopecia podem ser mais comuns em mulheres negras, como a alopecia areata e a de tração. A alopecia areata é a perda gradativa de pelos por todo o corpo. A alopecia por tração acontece quando repetidamente os fios são danificados e vão se soltando diretamente da raiz, o que pode ocorrer diante da utilização de penteados apertados e por reações químicas trazendo um dano que pode ser irreparável para o couro cabeludo.

Apenas algumas casas ao lado da casa que cresci, tem uma senhora a qual tenho muito carinho, uma mulher atenciosa, trabalhou a vida toda pra cuidar dos seus filhos e netos por muitos anos olhava pra ela com admiração até que um dia a olhei com tristeza, que não significava a ausência de admiração mais sim a presença de um pesar. Nesse dia ela fazia o cabelo e eu pude olhar rapidamente para sua cabeça, e jamais esqueci aquela cena seguida do aperto no peito. Apenas nas extremidades da cabeça havia cabelo e assim a trancista fazia uma espécie de gambiarra, ligava um ponto da cabeça ao outro com cabelo sintético e assim ia formando uma base pra fazer a colocação do cabelo, me doeu aquela situação e ainda mais o fato de que todo aquele procedimento estava contribuindo para piorar o caso.

Dias desses vi uma postagem no Instagram onde uma menina citava como se sentia quando uma trança saia direto da raiz com cabelo e tudo e outras mulheres comentavam se identificando com a situação, uma citou até que pelo uma vez por mês aquilo acontecia. Triste como naturalizamos a dor e o dano ao nosso corpo, arriscamos a saúde dos nossos fios e do nosso corpo num todo.

O ódio me fez banalizar a dor, era como se a dor fosse necessária, pois meu corpo merecia sofrer por não ser o ideal, aquele era o preço. Colocar o ideal de beleza

acima da saúde do corpo. Abriam feridas não só na cabeça, como na pele e na alma.

2.3 Insegurança Emocional

Visito minhas lembranças e me recordo de quantas vezes deixei de ir em algum evento, pois achava que meu cabelo não estava bom. Lembro de uma festa junina que pedi pra minha mãe falar pra alguns amigos que não permitia que eu fosse ao evento para não precisar dizer que estava com vergonha de ir por conta do meu cabelo. Ou quantas vezes cheguei atrasada em eventos porque tinha de tratar o cabelo e isso demandava muito tempo, por não saber muito o que fazer. Na minha formatura na pré escola, antigo CA. , minha mãe esticou meu cabelos com prancha e enrolou as pontas para dentro com o babyliss, eu não sei dizer se na época gostava ou não daquele penteado, mas ouvir as outras crianças me mandando tirar o capacete da cabeça me fez ter repulsa a modelagem no cabelo. Por anos eu não conseguia encarar as fotos desse dia. Viola Davis por tempos não conseguia olhar suas fotos de infância e adolescência e seu cabelo foi destaque negativamente em muitos momentos de sua vida, diz que: “no dia do meu baile no primeiro ano do ensino médio. Fui com Bill Martel, que era veterano, por quem eu tinha uma quedinha. Minha mãe usou um daqueles pentes quentes para fazer ondas no meu cabelo. Eu me diverti MUITO, mas meu cabelo cheirava a queimado.”(Davis, 2022. p. 80)

Em um aniversário minha mãe planejou tudo para que eu tivesse uma festa maravilhosa, os amigos da rua, os da escola, a família todos estariam presentes. A decoração, o bolo, as guloseimas , a roupa que iria usar tudo estava nos conformes, quase tudo, meu cabelo havia sofrido mais um corte químico e precisará ser cortado bem curtinho, eu chorava e dizia que não ia mais ter festa, lembro o quanto me sentia inferior com aquele cabelo e me perguntar como vou encarar as pessoas assim? tinha que ser logo no meu aniversário. No início da noite foi difícil, mas depois fui esquecendo do cabelo e me divertindo na festa.

Em março de 2021, Taís Araújo que apresenta o programa Superbonita na GNT entrevistou Xuxa Meneghel para a atração, na ocasião Tais pergunta para Xuxa se caso ela pudesse vir ao mundo outra vez como gostaria de ser, e a mesma entre

suas falas responde: “Queria vir com a tua cor, com teu cabelo, sua pele..... eu ia me amar muito, ia me olhar no espelho toda hora”, e a apresentadora interpela “ Eu também me amo, o problema não sou eu não amor, comigo está tudo certo, mas o mundo lá fora pra gente é danado”, ressaltando que é uma questão social e não algo individual, o problema é a sociedade que reforça os padrões e designa os lugares que determinados corpos podem ocupar.

Aos 17 anos trabalhava de jovem aprendiz num salão de beleza e recebia desconto na realização de serviços, então passei a fazer o cabelo nesse salão, o produto era similar ao que eu usava em casa, sendo assim os efeitos também eram similares a raiz ficava baixinha e tudo mais, mas também acompanhava a falta de ar irritação dos olhos e no rosto e queimaduras na cabeça, às vezes menos outras vezes mais.

Em algum momento ocorreu um estalo e tudo aquilo deixou de fazer sentido me peguei pensando por quê que eu me permitia sentir aquela dor e em razão de um resultado que nunca chegava, meu cabelo não tinha balanço e brilho e nada do que era prometido, mas por conta de trabalhar no salão não podia deixar de fazer o cabelo e estar alinhada com a equipe. Logo que saí desse emprego fui deixando o cabelo crescer sem alisar. E nessa época já aparecia no YouTube várias meninas falando de cabelos naturais. Sobre cuidados, texturas, formatos e principalmente sobre como o cabelo crespo poderia ser bonito.

A raiz do meu cabelo estava crespa e as pontas lisas, eu tentava fazer texturização, ou amassar com as mãos para diminuir a diferença entre as texturas. Via algumas blogueiras que falavam de usar tranças na transição, e pedi pra minha mãe colocar em mim, apesar de pestanejar um pouco ela aceitou, assim aos 18 anos voltei a usar tranças, as box braids, agora em outros modelos e formatos. Lembro de prender as tranças no topo da cabeça e andar com minha comadre Carla no calçadão de Caxias e as pessoas me encaravam, alguns até elogiavam e outros faziam questão de vir falar que achavam feio.

Minha mãe começou uma conversa, falava que as coisas eram mais difíceis para nós, que bons trabalhos exigiam uma boa aparência, e que se eu continuasse com essa ideia de não alisar o cabelo as coisas ficariam mais difíceis e principalmente se eu usasse tranças sempre e de cores diversas, pensava que ela estava errada, não

tinha sentido aquela conversa e naquela semana mesmo eu tinha uma seleção de emprego para ir com a minha prima.

Assistimos uma palestra sobre a empresa, os cargos disponíveis e os requisitos para as vagas, quando falaram ensino médio completo, a sala esvaziou, logo fizemos a prova de português e após a correção algumas pessoas saíram, em seguida a prova de matemática e mais pessoas deixaram a sala, eu e minha prima continuávamos. Fizemos uma entrevista individual, depois o teste admissional e mais uma entrevista onde seria decidido em que localidade iríamos trabalhar. Estava tudo certo, na semana que antecede a Páscoa ficaria em uma unidade mais longe de casa, depois iria para uma unidade mais perto, foram acordados da passagem até a numeração do uniforme. Até que em algum momento o entrevistador começou a perguntar do meu cabelo, que as tranças não passavam uma imagem profissional, não se encaixava no perfil da empresa e se eu poderia retirar, apenas afirmei com a cabeça que sim e ele continuou, questionou se quando eu tirava “isso” que estava usando o meu cabelo era muito ruim, se caso passasse uma prancha ou escova daria um jeito e eu não dava conta de tantos “se”, não conseguia responder uma palavra, estremeceu por dentro e ele falava do compromisso que eu estava assumindo de representar a empresa e me ensinava como eu deveria cuidar do meu cabelo, ele um homem branco, assim que sai da sala minha prima me esperava e só de me olhar ela sabia que tinha algo de errado, questionou, eu apenas falei que precisava sair dali ,ainda precisávamos pegar algumas coisas na recepção mas só fomos embora direto. Já na rua fui contando entre lágrimas o que havia acontecido, ela que queria voltar e agredir o homem me abraçou e assim fomos até o ponto de ônibus. No caminho pra casa ela falava do absurdo, mas chegando em casa não falamos mais no assunto, apenas contamos pra minha mãe e pro marido dela que esperavam ansiosos pelo resultado que não havíamos passado na seleção e só falamos disso muitos anos depois.

Passado essa situação, minha mãe tinha razão, tirei as tranças e relaxei o cabelo, o que durou apenas algumas semanas e em uma situação de muito desespero cortei todo o meu cabelo na tesoura sozinha no banheiro de casa, quando minha mãe chegou ficou muito triste, brigou, disse que não tinha jeito, logo no dia seguinte tinha uma festa e lógico que eu não fui. Pedi ajuda para uma amiga raspar minha

cabeça, e ela veio trazendo muito mais que uma máquina, o acolhimento. Ela não cortou disse pra me aquietar e esperar até o dia seguinte e se eu quisesse raspar ela assim faria. No mesmo dia eu já tinha mudado de ideia, consegui o contato de uma trançista que conseguia trançar mesmo com 2 dedos de comprimento, e assim fui alternando momentos com e sem trança e vendo meu cabelo crescer novamente.

Somente quando passei pela transição que pude entender e construir um discurso sobre toda a situação, entender que não era natural o que sentia em relação ao meu corpo e tudo isso era um “cuidado” para prevenir que me olhassem, que me lessem com outro olhar. Meu patrão da época sempre me dizia que eu era mais confiável que qualquer pessoa branca por aí, e isso trazia a ideia de que as pessoas como eu não eram confiáveis e seria eu uma exceção. E na transição entendi sobre leitura social, e que essa leitura me levaria ou não para determinados espaços, e poderia surgir em tons de brincadeiras sutis ou não.

Dado início da minha transição capilar, muitos olhares, perguntas e questionamentos externos me rodeavam. Quando estava sem tranças me perguntavam “Você está desempregada? Não consegue mais pagar o alisamento?” “Nossa, mas você tem o rosto tão bonito porque deixa o cabelo assim” “o bom do cabelo assim é que não precisa pentear né?”, nenhum daqueles questionamentos faziam sentido para mim, e me questionava se realmente as pessoas pensavam que os cabelos crespos se penteavam sozinhos e eram autolimpantes. Tempos depois me deparei com um trecho do um livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019) de autoria de Grada Kilomba, no capítulo em questão a autora trata de “fantasias sobre sujeira e domesticação colonial”, conforme citado no trecho abaixo:

“E, às vezes, as pessoas vêm e fazem perguntas do tipo “Como você lava seu cabelo?”. Ou querem saber se eu penteio: “Você penteia seu cabelo? Como você penteia seu cabelo” eu acho isso tão doentio e tão triste, sabe. Nosso cabelo parece diferente, mas não passa pela minha cabeça ver uma mulher branca adulta e lhe perguntar: “Com licença, como você lava seu cabelo? E a propósito, você também o penteia?” Que pergunta. Às vezes eu me pergunto, o que será que eles realmente querem dizer ao fazer essas perguntas para uma mulher, para uma mulher negra adulta,

se ela se lava? O que tem na cabeça das pessoas? Eu não sei... Bom, eu sei, mas nem quero pensar nisso”.

(KILOMBA, 2019, p.123-124)

O processo de construir a afirmação de uma identidade negra no corpo, é permeada de microviolências que por tempos foram naturalizadas e vamos aprendendo a elaborar. A comédia romântica “Felicidade por um fio” (2018), disponível na Netflix, elucida como a relação com o cabelo influencia o âmbito social, de trabalho e de afeto, mostrando os desdobramentos na vida da protagonista. Delimitando principalmente as questões despertadas desde a infância, tendo aprendido a ter a vida pautada pelo cabelo, com situações como não se permitir brincar pois pode bagunçá-lo e a internalização de que é importante que ele esteja arrumado o tempo todo. O cabelo relacionado a posição social, onde sua perfeição começa pelo cabelo e a imposição de que precisa ser uma pessoa perfeita para ter o sucesso na vida faz com que ela se esqueça de ser uma pessoa, que sente, participa, surpreende e é surpreendida. Há uma cena em que a protagonista está num clube e enquanto outras crianças se divertem na piscina ela não pode entrar pois isso colocaria por água abaixo as horas que sua mãe passou escovando seus cabelos. Num impulso por um pouco de divertimento ela pula na piscina e seu cabelo ao estar em contato com a água e assumir sua forma natural é alvo de piadas, a mãe a retira aos gritos e a leva pra casa, mas adiante em sua versão já adulta, mas com sua criança interior bem presente e ferida, interroga a mãe sobre que criança ela seria se a mãe tivesse a acolhido e afirmado sua beleza. E logo dá um salto para sua liberdade, assumindo seu cabelo e suas escolhas na vida. Essa liberdade é um pouco sobre se libertar da dor.

De acordo com Grada Kilomba(2019), o racismo viola todas as três esferas da subjetividade, político, social e o individual, uma vez que, pessoas negras não têm seus interesses políticos, sociais e individuais como parte de uma agenda comum. Ao definir racismo a autora separa didaticamente em racismo estrutural, racismo institucional e racismo do cotidiano. Sobre Racismo estrutural Silvio de Almeida:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo

uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos. (ALMEIDA,2018, p.38-39)

O racismo institucional diz respeito “um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agenda educativas, mercados de trabalho, justiça criminal e etc.”(Kilomba,2019, p.77) Já o racismo do cotidiano a autora aborda como associado aos insultos, atitudes, gestos, expressões e discursos que determinam a pessoa preta como o outro.

Sendo assim, o racismo está presente quando alguém ofende o cabelo crespo, está presente quando uma mulher preta deixa de ser contratada para determinado cargo devido ao fato de assumir os fios ao natural ou aderir um penteado que remeta a cultura africana, está presente na estrutura social que legitima tais práticas, uma construção sócio-histórica que designa aos fenotípicos afros um lugar de inferioridade. A perspectiva de entendimento do racismo que se propõe aqui corrobora com a visão de Djamila Ribeiro, em “Quem tem Medo do Feminismo Negro?” (2018) que aponta: Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele. Portanto, fingir-se de bom moço e não ouvir o que as mulheres negras estão dizendo para corroborar com o lugar que o racismo e o machismo criaram para a mulher negra é ser racista. (Ribeiro, 2018, p.25)

Os traumas de uma trajetória marcada pelo racismo deixam marcas profundas na saúde mental e emocional de pessoas pretas, gatilhos e inseguranças que podem vir a tona, pelo racismo do cotidiano, por alguma questão capilar como a falta de uma alongamento, ou numa conversa cordial sobre o passado. Viola descreve um evento de sua infância e quando se recordou em uma conversa com Will Smith:

“...Por fim, senti alguém agarrar meu braço com violência, e então uma fúria, uma determinação, uma exaustão tomaram conta de mim. Eu sussurrei: — Se não tirar as mãos de mim, vou acabar com você. O garoto me olhou aterrorizado, analisando meu rosto para saber se eu falava sério.

Era sério. Ele me soltou e os outros se afastaram, rindo. O ritual de perseguir a garota negra de cabelo duro de repente perdeu o encanto. Anos depois, durante uma conversa com Will Smith no set de Esquadrão suicida, tive uma epifania. Ele me perguntou: — Viola, quem é você? — Como assim? Eu sou eu — respondi com uma confiança forjada. Ele perguntou outra vez: — Não, mas quem é você? — O que quer dizer com isso? — Olha, eu sempre vou ser o garoto de 15 anos que levou um pé na bunda da namorada. Sempre serei esse garoto. Então, quem é você? Quem sou eu? Fiquei calada, e mais uma vez aquela memória indestrutível me atingiu. Então despejei tudo: — Sou a garotinha que corria para casa todo dia no terceiro ano porque uns garotos me odiavam por eu... não ser bonita. Por eu ser... negra. Will me encarou como se estivesse me vendo pela primeira vez e só assentiu. Senti um nó na garganta, as lágrimas se formando. Memórias são imortais. São imperecíveis e precisas. Têm o poder de dar alegria e perspectiva em tempos difíceis. Ou podem sufocar. Definir você de uma maneira que tem mais a ver com a percepção limitada das pessoas do que com a verdade. Lá estava eu, uma atriz de carreira consolidada, trabalhos na Broadway, premiada e reconhecida pela reputação de conferir profissionalismo e excelência a qualquer projeto de que participava. Por Deus, até a Oprah sabia quem eu era. Mesmo assim, sentada ali conversando com Will Smith, eu ainda era aquela garotinha negra assustada do terceiro ano. E embora estivesse a muitos anos e muitos quilômetros de Central Falls, Rhode Island, nunca tinha parado de correr. Meus pés só tinham parado de se mover.

(DAVIS, 2022, p. 12)

Grada (2019) afirma que o racismo do cotidiano tem uma característica que é a atemporalidade, onde um evento do presente se conecta com o passado, reativando traumas. Sendo a prioridade o cabelo internalizado como fonte de sofrimento, a rejeição desse atributo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família (Gomes, 2020, p. 206)

Como seres múltiplos as estratégias que podemos encontrar também são diversas, aqui destaco as práticas psis e o amor à negritude. Compreendo a Clínica como ferramenta de fortalecimento da autoestima e acesso a compreensão dos efeitos do racismo na saúde mental. E reconheço assumir o corpo como político e

amar as expressões da negritude no corpo como estratégia que compõe o processo de descolonização e permite uma relação de cuidado com um corpo ora violentado. Essas possibilidades que aponto coexistem e se interligam, sobre o amor veremos no próximo capítulo.

2.4 Agenciamentos Psis

No meu primeiro ano de formada, atendia em uma projeto de atendimento psicológico com valor acessível para pessoas que outrora não tinha a possibilidade de acessar o serviço, um dia no horário de almoço um colega de trabalho contou sobre um ocorrido numa sessão. Um menino preto falou que gostaria de ser igual a ele, que não gostaria de ter aquela cor preta e aquele cabelo “duro”. Ao ouvir os desejos do menino, ele não soube como reagir, disse que direcionou a conversa para outro assunto. O grupo que atendia neste dia era composto por 6 psicólogas e ele, cinco eram pretos, inclusive esse colega era negro mais até o momento não tinha assumido politicamente sua negritude, e não refletia sobre os impactos do racismo na própria psique. O assunto rendeu todo o almoço, livros foram indicados, não sei se ele seguiu as recomendações. A reação do jovem profissional reflete ainda a realidade de muitos psicólogos recém formados ou não, o que demonstra uma defasagem na formação.

Quando cursei a graduação em Psicologia, pouco se falava em racismo, e muito se reproduzia nos discursos homogêneos e embranquecidos, raras as disciplinas que “raça” aparecia ali sutilmente como um pequeno recorte. No nono semestre, a grade apresentava a disciplina “Bioética”, a cada aula/encontro foram debatidos temas e havia os grupos pré selecionados para fomentar as discussões. Quando um grupo trouxe a temática do racismo e colocou que pessoas pretas procuravam psicólogos pretos pela possibilidade de terem suas questões validadas em razão de ser um outro corpo também atravessado pelo racismo. Muito se debateu sobre os Psicólogos que tem como foco de atuação a população preta, com comentários contra e a favor, mas pouco se debateu sobre a preparação das psicólogas e psicólogos e sobre os efeitos do racismo na saúde mental. Somente no último ano do curso fui ter contato com nomes como Frantz Fanon e Neusa Santos por intermédio do projeto de extensão já citado. Grada Kilomba afirma que:

Os discursos ocidentais, e as disciplinas da psicologia, e da psicanálise em particular, negligenciaram amplamente a história da opressão racial e as consequências psicológicas sofridas pelas/os oprimidas/os.[...] os dolorosos efeitos do trauma mostra que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro de uma cultura branca dominante, mas também com o trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano, através do qual tornamos, novamente a/o outra/o subordinado e exótico da branquitude.

(KILOMBA,2019 , p .215)

bell hooks aponta o impacto da escravização na saúde emocional e psíquica de pessoas pretas, onde a repressão dos sentimentos foi internalizada como uma forma de sobrevivência diante da violência. bell propõe que:

Tradicionalmente, as famílias do Sul do país ensinavam às crianças ainda pequenas que era importante reprimir as emoções. Normalmente as crianças aprendiam a não chorar quando eram espancadas. Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar." Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa idéia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (hooks,2010 ,p,3)

Pessoas escravizadas eram separadas de seus familiares resultando em um enorme dano nos vínculos afetivos. Esse impacto reverbera coletivamente na forma que construímos afetos. Essa violência pode ser naturalizada no corpo e na vida. Viola Davis relata sobre a sua dificuldade em se libertar das construções da sua infância marcadas pela discriminação racial, pela pobreza e por cenas de violência de seu pai exercidas sobre sua mãe, nos conta em relatos sobre a terapia, que :

'...tinha encontrado uma terapeuta que morava na rua de cima. Eu a amava — bem, pelo menos o tanto que alguém consegue amar a pessoa que

revira as suas entranhas. Ela me dizia que eu não conseguiria atravessar a rua se ela não estivesse coberta de mijo e merda. Eu tinha normalizado o mijo e a merda. Ela também dizia: “Viola, e se você não mudasse todas as partes de si mesma das quais não gosta? E se permanecesse como você é? Seria feliz assim? Ainda seria capaz de se amar?” Foi quase um momento como o que tive com outra terapeuta, anos depois, que me disse para eu deixar que a minha versão mais nova me abraçasse. Meu Deus, o SAG pagava a ela cem dólares por hora para me dizer aquilo? Levei o maior tempo do mundo para responder àquela pergunta com palavras, e um tempo ainda maior para responder a mim mesma. Ainda me sentia estranha. Ainda tentava me encaixar — não sei onde. Só queria me sentir como a pessoa que estava destinada a ser. Ainda estava fugindo daqueles meninos. Ainda estava olhando nos olhos enojados e cheios de ódio dos meus algozes e sentindo que eles representavam o consenso geral de que eu não tinha valor. (DAVIS, 2022 , p. 176).

As questões da negritude são por vezes invisibilizadas na prática clínica, tanto o trauma coletivo quanto o racismo do cotidiano. Maria Lucia da Silva, psicóloga e ativista, uma das fundadoras do Amma Psique e Negritude, conta que fazia terapia com uma psicanalista ortodoxa em 1982, em uma época que aconteciam muitos assalto a ônibus, a linha que usava para ir ao trabalho era constante alvo, qualquer pessoas preta que entrava no ônibus era vista como suspeita e as pessoas ao verem ela escondiam ou seguravam firme a bolsa ou os bens. Relata que:

“Então muitas vezes eu chegava na terapia com essas questões e minha terapeuta sempre me colocava que era complexo de inferioridade, que não é bem assim. E eu discutia com ela. “Não, você não é negra, você não sabe o que é você passar no ônibus e alguém achar que você é que vai roubá-lo, que você é ladrão, etc.” Além de outras coisas que a questão racial suscita. E essa psicanalista, que eu gosto muito, que me ajudou muito, não conseguia compreender, até que chegou uma hora que ela se rendeu e falou: “ Bom, tá bom, que é que você me indica para ler. como é que eu posso começar a perceber por onde passa isso?””

[trecho retirado do livro Sortilégio da Cor]

(NASCIMENTO, 2003, p. 198)

De acordo com Elisa Larkin Nascimento quando as questões relacionadas à vivência do racismo são colocadas em pauta, a vivência do analista branco pode conduzi-ló a negar o impacto da discriminação racial ‘negando-lhe assim o

reconhecimento de sua singularidade e experiência. Também pode constituir um desencontro de linguagem e de significações simbólicas capaz de interferir não só na escuta, como na interpretação dos silêncios”. (Nascimento, 2003, p.184). O que implica a necessidade de novas referências, nomes como Virginia Bicudo, Neusa Santos e Lélia Gonzalez trouxeram contribuições importantes para o debate de gênero e raça na sociedade e resgatar essas teóricas importantes é também construir uma psicologia com compromisso de combater a opressão e fazer da prática também uma ferramenta de descolonização. Lélia Gonzalez em uma entrevista:

- E que tipo de psicanálise fizeste?
- LÉLIA GONZALEZ: Eu comecei fazendo análise com Carlos Byington, que é junguiano. Eu comecei a frequentar candomblé. Meu lance na psicanálise foi muito interessante, a psicanálise me chamou a atenção sobre os meus próprios mecanismos de racionalização de esquecimento, de recalçamento etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou nesse processo de descobrimento da minha negritude.

(GONZALEZ, 2020, p.300)

Na prática clínica busco propor para pretos e pretas, tanto quanto trago pra mim mesma, um constante movimento de afirmação da pluralidade de potências do corpo e da importância de se apropriar do ser emergindo das inseguranças e buscando se desvencilhar delas, reconhecendo as marcas que o racismo deixa em nosso imaginário. E é muito significativo acompanhá-los nesse caminho. A afirmação de uma estética negra, de uma potência profissional, buscando sair do lugar da insuficiência que nos foi atribuído e construímos a cada dia a oposição a esse lugar.

Enfatizo pensar as práticas psis como ferramentas contra a exclusão e a subalternidade capazes de ressignificar aspectos que estão inscritos profundamente no imaginário social e na cultura, que reverberam nas relações socioeconômicas e culturais.

3. Amar, Armar e Agenciar

Crespos estão se armando
Faço questão de botar no meu texto
Que pretas e pretos estão se amando
Rincon Sapiência

Com minha mãe, minhas tias e vizinhas aprendi de tudo um pouco, principalmente sobre o cuidado, apoio, afeto e troca. Como se importavam umas com as outras dividindo as dores e os problemas, “olhavam” os filhos umas das outras e levavam para passear, trocavam receitas e refeições saborosas. Nem todas as casas tinham a presença do pai ou marido, mas mesmo quando havia, assim como na minha, passavam o dia no trabalho e era a mulher que fazia o mundo girar em casa. Eu admirava a força, a coragem, a fragilidade, a perspicácia de cada uma e a forma de cuidavam dos outros e de si. Observava suas mãos, seus olhos, seus pés e principalmente seus cabelos. Os Bobs, os lenços, as toucas, os grampos, os cremes, pastas, bigudinhos e a voltinha com o brau pra dentro ou pra fora. Ora apresentavam fios encorpados, ora ralos, sempre em altos e baixos.

Quando eu tinha sete anos, minha mãe teve um corte químico que resultou nela cortando o cabelo bem curtinho, na máquina um, eu a achava ainda mais bonita e discordava de quem dizia que ela havia ficado masculina, eu amava todas as fases da minha mãe e ficava triste sempre que algo não saia como esperado e a machucava.

Minhas tias maternas, Carmem e Lúcia, moravam em São Gonçalo, nós em Duque de Caxias, mas elas sempre vinham nos nossos aniversários e datas comemorativas, assim como íamos nas férias, feriados e dia das mães. Minhas tias mantinham os cabelos alisados, Tia Carminha era mais adepta aos fios mais esticados e recorria a prancha, Lúcia já preferia o relaxamento e cremes que retiravam o volume. Tia Ângela morava em frente a nossa casa e era cunhada do meu pai, o marido faleceu há anos e ela cuidava com muito zelo do casal de filhos e posteriormente dos netos, mantinha os cabelos com Bobs durante o dia e quando ia aos cultos soltava. A vizinha da rua de cima gostava de ser chamada de Shirley, era bem direta nas palavras e amorosa nos gestos, sempre mandava correio de voz nos

aniversários, assim como minha mãe estava sempre experimentando produtos novos no cabelo. Angela e Shirley já partiram mas as marcas que deixaram em nossas vidas permanecem. Todas elas eram similares e diversas, e entre as coisas que tinha em comum estava o fato de nenhuma cogitar usar o cabelo natural.

Em algum momento as lembranças foram vindo à tona, e essas histórias se repetindo e se confundindo com a minha, como aquelas mulheres que tanto me ensinaram sobre amor não amavam seus cabelos? O que o racismo fez com elas? Como eu poderia usar como base aquele amor que elas doaram e mereciam receber começando por mim? Aquele amor que tentava diariamente competir com o racismo e me dizer que eu era linda. Esse amor muitas vezes serviu de limiar para relacionamentos e amizades, e me fez questionar como oferecer a mim mesmo o amor que recebi? Eu lembro de começar a encarar meu cabelo um dia após o outro, ver ele crescendo e tomando forma e curtir o processo.

Neusa Souza Santos(1983) afirma que a autonomia é criar um discurso sobre si, somente após a conscientização de como todo aquele processo reverberava foi possível entender que tinha algo de errado, e esse incômodo fez com que diversas vezes eu passasse pela transição, sentia como se tudo fosse desmoronar e que nada fazia sentido, cortava o cabelo, deixava crescer, não conseguia lidar e alisava o cabelo, achava um absurdo os efeitos que a química trazia no meu corpo, cortava o cabelo e passava pela transição novamente. O racismo tenta travar a possibilidade do amor.

O meu amor nasceu da inquietação e do questionamento, mas floriu regado pela epistemologia afrocentrada, meu processo de transição só fluiu quando ocorreu em paralelo com leituras pretas. Me redescobri no diálogo com propostas decoloniais, que delimitam como o racismo permeia nosso imaginário. O amor é uma construção, e necessita ser nutrido. Voltando ao “Quem tem medo do feminismo negro?” (2018), neste livro em questão, Djamila traz à tona suas memórias da infância e adolescência com o intuito de debater o que nomeia de “silenciamento”, o apagamento da sua personalidade que a discriminação racial causou. E que só foi resgatada anos depois conforme foi desenvolvendo contato com autores como bell hooks, Sueli Carneiro, Chimamanda Ngozi Adichie, Alice Walker, Toni Morrison e Conceição Evaristo. A filósofa afirma que autoras e autores

que ela lia foram como uma ponte para que pudesse recuperar o orgulho das suas raízes. E ao reconfigurar o mundo a partir das perspectivas deles a ajudou a finalmente me sentir confortável nele, foi um divisor de águas em sua vida. (Ribeiro, 2018, p.17)

Colocar em questão a raça e com elas todas peculiaridades que se implicam, foi algo que aprendi a colocar no meu cotidiano durante minha participação como membro no Programa Institucional de Pesquisa, Extensão e Inovação da Unisuam, através do Projeto Sankofa, nos semestres letivos de 2019.1 à 2020.1. O projeto citado, correspondia a área temática de Sociedade, Cultura e Educação. E visava elucidar construções históricas que contribuíram para a criação e consequente manutenção de comportamentos racistas que impactam diretamente na vida individual e coletiva da maior parte dos brasileiros, a partir de um grupo de estudos e promoção de ações, tais quais como roda de conversa, cine-debates, atividades culturais e outras, acerca das perspectivas teóricas e práticas do racismo. Neste Projeto pude entrar em contato com literaturas que me acompanham até hoje e me fizeram descortinar para entender meu corpo como político.

Para pensar estratégias de luta contra o racismo no viés da afirmação da identidade, apresento as ideias de amar, armar e agenciar. Amar é cuidar e se orgulhar da negritude que se expressa através do corpo, armar é relacionado a assumir o volume dos cabelos crespos e uma estética de valorização política das madeixas. Agenciar, é a capacidade de dispor de recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana, através da defesa dos elementos culturais assumindo um compromisso com uma nova narrativa.

3.1 Amando , Armando e agenciando nossos cabelos.

O que é o amor? Acho que podemos buscar inúmeras definições para tal na tentativa de nomear o sentir, que é tão particular, mas o que queremos dizer quando falamos que amamos algo ou alguém? Como amar a negritude reflete nas nossas ações, o que sabemos sobre o amor? Para pensar o que é amar um corpo que aprendemos a negar é importante descolonizarmos nossa visão sobre o amor.

bell hooks (2010) nos convida a refletir sobre a noção de amor numa perspectiva afrocentrada, a autora afirma que o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior é a afirmação e que em uma sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. Precisamos considerar que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. A ativista aponta que para que o amor esteja presente se faz necessário que a mulher consiga se encarar sem culpa, “e ao definir o que vê, talvez perceba que seu interior merece ou precisa de amor”. (hooks, 2010, p.9).

Ao olhar meus cabelos sem culpa e sem vergonha, entendendo que precisavam ser cuidados e não domados, entendendo sobre suas curvaturas, texturas e produtos não agressivos, desfazendo os estereótipos de “cabelo ruim”, identificando a forma mais funcional de pentear e hidratar o meu cabelo que pode ou não funcionar para outros tipos de cabelo, eu fui observando seus aspectos e sua beleza. O Antropólogo Raul Lody afirma:

Cuidar do cabelo é, antes de tudo, cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar tudo que a cabeça representa para a pessoa e para seu grupo. E, no sentido coletivo, é vivenciar o que cada penteado comunica em relação ao reconhecimento social, à identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual (LODY, 2004, p.100).

As manipulações capilares são intervenções que realizamos nos cabelos e quando estabelecemos uma relação positiva com nossos cabelos crespos podemos experimentar manipulações não violentas e principalmente manipulações de cuidado e que expressem a negritude no corpo.

Os cabelos são divididos em quatro grupos: (1)Liso , (2) ondulado, (3) cacheado e (4) crespo.O cabelo crespo possui um formato espiral mais fechado, que dificulta que a oleosidade natural dos fios percorra pelo cabelo o que torna os mais ressecados. A classificação dos cabelos crespos são 4a, 4b, 4c e

crepissimos(Salon Line,2022). A textura 4a são cachos mais definidos , 4b é um cabelo mais volumoso e que apresenta cachos menores, o 4c são fios que não apresentam muita definição e extremo fator encolhimento , o crepíssimo são fios que não apresentam nenhuma definição

Durante minha vida, escutei várias vezes a expressão “cabelo crespo é igual bandido, ou está preso ou armado”, a palavra armado em relação ao cabelo por si só já era uma preocupação, a possibilidade do cabelo estar cheio já assustava, pois havia ideia de deixá-lo baixinho e domado. Mudar a visão que temos de nós mesmos possibilita ressignificar e assim, mudar as noções de beleza internalizadas. Para Grada (2019) o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os em diáspora, dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Aos poucos fui me permitindo conhecer meu cabelo, experimentar o volume, penteados, turbantes, tranças e finalizações e construir uma nova página nessa relação, regada de amor.

Mãe e filha que juntas trançam cabelos, histórias, emoções, trocas e cuidados, de longe por si só já é algo belo de observar. A mãe desbravou trilhas, semeou, a filha percorre esses caminhos e cria outras possibilidades. O espaço traz uma familiaridade, um lugar de escuta, fala e pertença, o amor está também na construção de espaços de afeto. Café quentinho numa manhã gelada, água gelada numa tarde quente, abraços calorosos e sorrisos, é assim que sou recepcionada por minhas trançistas. Ter mãos que tocam minha cabeça com cuidado é algo novo. Não apenas vivenciar a empolgação de um penteado novo, mas o zelo pelos meus fios, e se aquilombar e se referenciar em diferentes penteados africanos. Agenciar nossos corpos é também criarmos e nos apropriamos de espaços.

Em 2018 eu comecei a frequentar a Feira Cultural Meu Black tem Power, é um evento que reúne exposições, artesanato, culinária e apresentações artísticas, meu irmão e meus amigos costumavam dançar. Também tinha o tradicional desfile para fechar o evento, participei de dois, um deles em 2019 que era em comemoração ao dia da consciência negra e parte da programação cultural da rede Globo para a data. Mulheres, homens e crianças negras com variedades de tons e tipos de

cabelos, podemos nos referenciar uns nos outros enquanto afirmávamos múltiplas belezas negras.

Sueli Carneiro(2019) em Escritos de uma vida, nos faz refletir sobre a importância dos espaços e movimentos que promovem outras formas de olhar para a negritude.

Relata que:

Nunca esquecerei o Carnaval de 1978, que passei em Salvador. Graças à recomendação do Macalé, um de seus fundadores, participei do desfile do Ilê. Foi de arrepiar e fazer o coração da gente bater disparado. Jovens negras lindas, lindíssimas, dançando ijexá, sem perucas ou cabelos “esticados”, sem bunda de fora ou máscaras de pintura, pareciam a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra. Enquanto isso, a música dizia: “Aquela moça/ Que tá na praça/ Tá esperando/ É o bloco da raça/ E quem é ele?/ Eu vou dizer/ É o bloco negro/ Ele é o Ilê Aiyê...”. É importante ressaltar que as atividades dos blocos e afoxés não se restringem ao Carnaval, mas se desenvolvem durante o ano inteiro.

(CARNEIRO, 2019, p.197)

A autora aponta a importância de novas configurações e destaca dois movimentos brasileiros:

. [...]a volta por cima foi dada pelos negros americanos, ao afirmarem, nos anos 1960, que “Black is beautiful ” (“Negro é belo”). No Brasil, o bloco afro Ilê Aiyê, de Salvador, iniciou o processo de subversão cultural que resgata, dentre outros, os valores estéticos da afro-brasilidade. E a Noite da Beleza Negra foi assumida por outros blocos afro e afoxés da Bahia, assim como de outros estados. No Rio de Janeiro, coube ao Agbara Dudu a restituição do orgulho cultural e da criatividade estética à comunidade negra. Pessoalmente, tive a honra de pertencer ao corpo de jurados da Noite da Beleza Negra tanto do Ilê Aiyê quanto do Agbara Dudu, essas duas entidades pioneiras. Pioneiras no sentido de demonstrarem que cultura é política com P maiúsculo.

(CARNEIRO, 2019, p.198)

Quando vivenciava pela primeira vez meu cabelo volumoso, uma irmã de criação da minha mãe que no momento estava usando os cabelos com Dreads naturais, perguntou a minha irmã se ela também passaria pela transição. Ela respondeu que nunca faria e que não combinava com ela. Um pouco mais de dois anos se passaram e ela começou o seu processo de transição, foi deixando o cabelo crescer e cortando as pontas lisas até que não sobrasse mais partes com química. Próximo ao seu aniversário de 18 anos e rodeada de comentários como “seu cabelo está grande mas tem que diminuir esse volume”, ela relaxou e depois percebeu que era do volume que ela mais gostava, se sentia tão minguada quanto o cabelo aparentava. Decidiu que queria cortar mas minha mãe não permitia, e assim ela passou seu aniversário de 18 anos com uma aparência que não a deixava feliz. Minha irmã sempre foi muito obediente aos meus pais em qualquer circunstâncias, quando se tratava de cabelo eu nem sequer perguntava, já aparecia com o cabelo cortado ou pintado e assumia os castigos ou broncas que viriam. Resolvi conversar com a minha mãe e dizer que é triste uma pessoa estar com o cabelo que não gosta porque outra pessoa não dar a permissão de mudar. Alguns dias depois minha mãe permitiu e minha irmã apareceu com o cabelo bem curto e estilizado. Eu a convidei para minha casa e ajudei com as maquiagens, fizemos várias fotos com o novo visual dela para ela se sentir mais segura, conforme o cabelo foi crescendo ela foi construindo outra relação com o corpo. Quando ela acredita que não tem recursos para lidar com o cabelo, me liga e resolvemos juntas, na maioria das vezes está ligado ao fato de buscar novas referências.

Em uma festa de família, uma prima me disse que eu era a culpada por estar assumindo o cabelo natural aos 40 anos. Esta mesma prima já me mandou mensagens perguntando que produtos usar no cabelo de sua filha.

De acordo com bell hooks (2010) as mulheres negras pedirem ajuda podem refletir a prática de amor e confiança uma vez que são acostumadas e estimuladas a serem fortes e a lidarem sozinhas com suas dores. “A prática de se amar interiormente nos revela o que o nosso espírito necessita, além de nos ajudar a entender melhor as necessidades das outras pessoas”. (hooks, 2010, p.10)

Armar e amar nossos cabelos, construir uma relação de amor com o corpo possibilita criar caminhos de cuidado, se apropriando do conceito de amor.

3.2 Escrever como forma de agenciar

16 de junho de 1958

"[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho que o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dá um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existem reincarnações, eu quero voltar sempre preta.

Carolina Maria de Jesus.

Quarto de despejo - edição comemorativa 2020, p4.

Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira, utilizava a escrita como recurso de denúncia frente à realidade que enfrentava e como método de nomear as violências que vivenciava e observava. Ganhou notoriedade com a publicação de Quarto de despejo em 1960, o livro foi composto a partir dos registros de seu diário e ganhou o mundo com sua linguagem marcante, objetiva e perspicaz. O Jornalista Audálio Dantas fazia uma reportagem na favela do Canindé em São Paulo, quando presenciou um grupo de homens no parquinho impedindo as crianças de brincar e uma mulher ameaçando eles de uma forma diferente: "Vou botar o nome de vocês no meu livro!". Em seu Livro "Tempo de Reportagem", Audálio relata que ao ver os cadernos de Carolina percebeu que não fazia sentido escrever uma reportagem sobre a favela do Canindé, uma vez que Carolina tinha produzido escritos com tanta propriedade. Em 1958 ele publicou trechos do diário na Folha da Noite, posteriormente na revista Cruzeiro, trabalhou um ano na publicação de Quarto de Despejo, o livro foi um sucesso e causou grande impacto na literatura brasileira, germinando frutos até hoje. Antes Carolina já tinha publicado poemas e textos que não tinham alcançado a visibilidade do diário.

Em quarto de despejo, Carolina retrata sua rotina como mulher preta, mãe solo e catadora de papéis que reside na favela do Canindé em São Paulo. Em casa de alvenaria volume 1 e 2 a autora relata sua trajetória após a publicação de suas obras e a saída da favela.

2 de dezembro de 1960

Tem dia que eu dou risada pensando na confusão de minha existência. De lixeira a escritora. Tenho a impressão que eu era ferro, e virei ouro. A minha vida metamorfoseou-se.

Carolina Maria de Jesus

Casa de Alvenaria - Volume I, 2021, p.159.

4 de janeiro de 1961

Eu desejava uma casa de alvenaria – consegui! Está suja, infestada de pulga, mas eu hei de limpá-la! – O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que é a minha casa é minha! Tem hora que eu tenho vontade de dar um grito extenso, para ser ouvido no Universo:

- Viva o meu livro! Viva os meus dois anos de grupo! E viva os livros! Porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus.

Carolina Maria de Jesus

Casa de Alvenaria Volume II , 2021, p. 63.

Em Diário de Bitita (1986), Carolina da voz as suas memórias da infância ao lado de sua mãe e seu avô “as minhas idéias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso” (Jesus,1986, p. 11). Em pedaços da fome (1963) um romance de Carolina, conhecemos Maria Clara, uma jovem privilegiada que ao se apaixonar e fugir com o amado encontra as mazelas da vida a pobreza e a fome, Carolina escreve: “Tudo que a sua mãe lhe disse estava atingindo-a como se fosse uma profecia. O coração é um oráculo que às vezes define o futuro dos filhos” (Jesus,1963, p. 74). O livro Antologia pessoal reúne poemas de Carolina como : “Como é sacrificada a vida do trabalhador. O salário sobe de escada, os preços de elevador.” As obras de Carolina reúne diários,romances, poemas e textos cênicos.

Conceição Evaristo ao fazer a introdução do livro Casa de Alvenaria - Volume 1: OSASCO (2021), diz sobre Carolina “ cria uma tradição literária” e abre caminhos

onde “grupos minorizados pelo poder se apossam da leitura e da escrita como parte de sua luta pelo direito de autorrepresentação, autorizando assim os textos de suas histórias, na medida em que agenciam uma autoria própria” (Evaristo, 2021,p.13) .

Françoise Ega escreveu entre 1962 e 1964 cartas para Carolina que jamais enviou. A escritora e ativista social francesa, tempos antes de se tornar um símbolo de luta em defesa dos imigrantes caribenhos na França ,voltava para casa após um dia de trabalho como doméstica e viu no Jornal uma manchete sobre Carolina, a edição da revista Paris Match de maio de 1962 dizia “ Ela escreveu um best-seller com papel recolhido no lixo”. Foi lendo os trechos do “Diário de uma Favelada” no Jornal que Françoise percebeu que precisava contar também a sua história, no entanto “Cartas para uma negra” só foi publicado após o seu falecimento. Ega nasceu em 11 de novembro de 1920, em Morne-Rouge, e faleceu em 7 de março de 1976, em Marselha, um ano antes de Carolina se despedir desse plano. Os registros de Françoise, dizem:

Maio de 1962

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça. [...] Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta.

Françoise Ega

Cartas a uma negra: Narrativa antilhana, 2021, p.6 e 8.

Pentecostes de 1962

Mas sou faxineira. Carolina, ando de um lado para outro entre o fedor das meias, da cera de assoalho e dos produtos para remover odores; entre

livros que nem sequer teremos tempo para ler e meninas que desconhecem as piscinas públicas e as caminhadas. Ao chegar em casa ainda sob o impacto da falta de ventilação, digo às crianças: “Vamos, depressa, respirem”, e abro minha casa para que o sol entre por todos os lados. O mais penoso para uma faxineira, eu acho, é o cheiro da vida dos outros. Apesar do cansaço, aproveito o sol, perto de uma janela, depois de ter cozinhado para a família, e penso em você. Consigo vê-la, um lenço prendendo os cabelos, pregando as tábuas do seu barraco, e fico motivada. As crianças continuam a surrupiar meus lápis, mas o livro está avançando. Terminei o primeiro caderno e estou exultante; Carolina, saber reunir palavras, montar frases e poder lê-las, ainda que o escrito esteja em crioulo ou javanês! Sinto uma incrível sensação de alívio. O que estou fazendo não é fácil: há sempre um dos meninos resmungando ao meu redor, enquanto outro ri. Entre os meus filhos, dois me apoiam: examinaram as páginas e arrancaram duas folhas que tinham achado interessantes, “para ler na cama”. Minha filha achou as páginas brancas do meu novo caderno ideais para desenhar. Fiquei furiosa e disse a todos que, caso faltasse papel para escrever, ou trechos da minha história, aquilo nunca seria um livro; depois disso, eles se limitaram a rodear as minhas páginas brancas ou já escritas, mas não ousaram mais tocá-las. Até identifico um avanço sutil no meu marido: ele ri menos, me chama de “minha escritora”. “Minha escritora! Me dê as minhas meias!”, “Minha escritora, faz um bolo para nós?”.

Françoise Ega

Cartas a uma negra: Narrativa antilhana, 2021, p.17

Carolina é um marco, ao se inscrever na literatura reivindica um lugar de construir sua própria narrativa, impulsionando um movimento de escrita de outras mulheres, atravessando até barreiras geográficas e linguísticas. Abrindo caminhos para que vários questionamentos e dores aprisionada em diversas mentes inquietas tornem-se livros.

Em *Cartas para minha avó* (2021), em diálogo sensível e amoroso, Djamila escreve cartas póstumas a sua avó, e nos conta como a partir do amor da sua mãe e sua avó tem referências para lidar com o racismo e o sexismo. Como pode ressignificar seus afetos a partir das histórias de sua família. Conceição Evaristo ao escrever o prefácio do livro de Djamila, afirma: “Muitas lembranças pessoais extrapolam a memória pessoal da autora para se constituírem como narrativas de experiências e vivências de várias famílias negras”. E acrescenta que a escrita da filósofa

apresenta uma escrevivência que comprova o afeto e a cumplicidade como forma de enfrentar o mundo hostil.

Trazer para o registro escrito as vivências, afetos, pensamentos e teorias sociais de escritoras e intelectuais negros é marcar o lugar de produção de conhecimento que ora foi subordinada, e que legitima a epistemologia negra decolonial, antirracista e ancestral. Ao apagamento da cultura e da contribuição histórica de pessoas pretas, Sueli Carneiro vai chamar de epistemicídio. Sueli ao dividir o que a motivou em construir o livro “Escritos de uma vida” (2019), que une diversas de suas pesquisas e palestras ao longo de sua trajetória de discussões, debates e iniciativas de combate ao racismo estrutural na sociedade brasileira, principalmente nas temáticas de desigualdade social e a relação com a questão racial e de gênero, Conta que:

Entretanto, certa vez, a nobre e generosa Conceição Evaristo, escritora consagrada, me fez a cobrança que somente as mais velhas podem fazer conosco. Ela me disse que já era hora de reunir textos que ela considerava “testados e aprovados”, e evitar a repetição da tendência em nossa militância de pouco se ocupar com o registro e a memória da contribuição que cada uma e cada um de nós tem oferecido à árdua luta de combate ao racismo e às múltiplas formas de discriminação na sociedade brasileira. Se a provocação de Conceição me trouxe o desejo de corresponder à inquirição da minha mais velha, sair da inércia para realizar o ato final necessitou do voluntarismo implacável de Djamila Ribeiro, que decretou a hora do acontecer. Assim surge este livro unguado pela licença de minha mais velha Conceição Evaristo, por meio de quem tenho a pretensão de honrar a nossa geração de combatentes, em especial à memória de Abdias Nascimento e Lélia Gonzalez. Surge também desse acolhimento de minha mais nova, Djamila Ribeiro, em quem reconheço a generosidade das novas gerações com o nosso legado.

(CARNEIRO,2019 , p. 12)

“A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito ponto final o pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever.” Esse trecho é de Maria nova, personagem do romance Becos da Memória (2017) de Conceição Evaristo, a jovem afirma “Escrevo como uma homenagem

póstuma...homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim como amontoados eram os barracos de minha favela.” Conceição nos agracia com suas publicações e personagens que nos permite se identificar, a autora afirma que constrói personagens humanos que em outros discursos literários eram negados, julgados, culpabilizados ou penalizados. Em *Olhos d'água* (2016) a autora nos apresenta Bica, uma mulher que anseia por uma vida melhor para o filho que acabou de estrear no mundo, que seja diferente dos jovens que viu partir tão cedo, a personagem também traz um apego a escrita e escrever sua realidade, ela retrata:

E só faço escrever, desde pequena, adoro inventar uma escrita. Um dia na escola, com meus sete ou oito anos, a professora passou um exercício. Era o de dividir as palavras em sílabas e a partir daí formar novas palavras. Eu já estava de saco cheio (força de expressão que menina não tem saco). Para desconcertar a moça, pedi pra ir ao quadro escrever as que eu tinha formado. E escrevi pó, zoeira, maconha: E fui escrevendo mais e mais. Craque, tiro, comando leste, oeste, norte, sul, vermelho e verde também. Na verdade naquele momento, eu já estava arrependida e queria voltar para o meu lugar. Se é que tenho algum, mas escrever funciona pra mim como uma febre, que arde, arde, arde....

(EVARISTO, 2016, p.108)

Eu lia muito durante a minha infância e adolescência, no fundamental ganhei a estrelinha de melhor leitora da turma, no ensino médio ganhei um concurso de leitura na escola, no qual o prêmio era um celular. Livros eram o meu pedido de aniversário e natal. Aos 15, quando comecei a trabalhar fazia lista de livros que iria comprar a cada mês. Mas levou muito tempo para que eu pudesse ler um livro que a narrativa tivesse alguma coisa a ver com a minha história, pra eu entender que poderia escrever sobre as minhas vivências e dos meus levou ainda mais tempo.

Assumir a escrevivência como operador metodológico desta pesquisa me possibilitou que eu pudesse elucidar afroperspectivas, ressaltando a importância política de nossas narrativas a partir da construção/ideia de identidade que se desencadeia pela expressão da negritude no corpo e na escrita.

Neste trabalho faço tentativa de abordar a relação com o corpo/cabelo crespos, narrando a mim e aos meus similares refletindo como resgatar o amor à minha negritude me influenciou a agenciar-me através da escrevivência, que permite o uso

da escrita como um caminho para nos inscrevermos no mundo e criarmos outras configurações.

O que habita em meus cabelos ? : Considerações finais

Exercito aqui uma escrita que nasce do meu cotidiano com base no conceito de Conceição Evaristo “escrevivência”, que remete a uma escrita que se alimenta da experiência de vida da autora. O cabelo, assim como os traços negróides são símbolos que marcam a negritude no corpo e devido aos mecanismos do racismo são internalizados como forma de sofrimento , uma vez que remetem a traumas e discriminações principalmente ligadas à infância e revividas pelo racismo do cotidiano, assim seguimos uma lógica de negar a negritude no corpo, recorrendo muitas vezes a práticas invasivas. É diante deste cenário que me proponho a pensar como o processo de descolonização pode nos levar a desnaturalizar a violência que aprendemos a infligir a nossos corpos. Descolonizar possibilita a construção de uma história de amor com um corpo que aprendemos a odiar.

Considerando resgatar a história que nos foi negada como um pilar importante no processo de descolonização mediante a afirmação do corpo e cabelo como símbolo de resistência frente ao colonialismo. Penso como as construções sócio-histórico-culturais do racismo e as questões contemporâneas de assumir a negritude afetam o processo de subjetivação da mulher preta, abordando as intersecções de “raça” e gênero. Sugiro a psicologia como ferramenta de mudança social ao abordar afroperspectivas e o amor à negritude como estratégia de combate ao racismo pelo viés do corpo como instrumento político.

Em um dia vinte de novembro, estava com um grupo de amigas em um evento de consciência negra que reunia apresentações artísticas e culturais, quando um homem veio até nós e começou a fazer comentários sobre o meu cabelo e de minha amiga, afirmando que poderíamos esconder várias coisas em nossos cabelos, que deviam ficar de olho na gente e que seria bom se ele tivesse o cabelo como o nosso pois poderia esconder até uma arma. Respondemos brevemente o quanto aquele discurso era racista em diversos níveis e seguimos. Essas lembranças surgem na

construção desse trabalho, e fico me questionando o que guardo em meus cabelos, sim guardo e não escondo, volto ao título dessa pesquisa “O que habita em meus cabelos? A relação com o cabelo crespo como possível disparador do processo de descolonização e afirmação do amor à negritude”.

O que eu chamo de relação com cabelo crespo é todas as manipulações que ocorrem, de cuidado ou não, que são expressões da conjuntura subjetiva, reflexo da construção de um mundo que nos rodeia, essa relação vai ser moldada de acordo com as crenças e verdades que vamos internalizando ao longo da vida e vão estar intimamente ligada a como no vemos e somos vistos, assim assumindo uma ligação direta a nossas relações familiares, sociais e profissionais. Essa relação é um recorte que nos ajuda a pensar como lidamos com o corpo no todo.

Esse processo de reflexão pode ser um disparador no sentido de alerta para como o racismo nos faz naturalizar a violência, as pessoas naturalizam mais um corpo preto assassinado passando no jornal, vereadora Marielle Franco e seu segurança Anderson Gomes com suas vidas interrompidas, Cláudia Ferreira arrastada por trezentos e cinquenta metros, mais uma criança atingida num confronto, perdemos Emilly (4 anos) e Rebeca (7 anos) em Duque de Caxias atingidas enquanto brincavam na porta de casa, Marcos Vinicius tentava ir para a escola quando foi baleado no complexo da Maré, oitenta tiros no carro do músico e segurança Evaldo Rosa no Rio de Janeiro, mais de cem tiros no carro dos cinco jovens em Costa Barros, que saíram para comemorar o primeiro salário de um deles, estamos até hoje nos perguntando “Cadê o Amarildo?”

No meu caso, naturalizei violentar o corpo pelo viés do cabelo em busca de aceitação e também esquiva de outras violências. Descolonizar foi sair desse lugar de naturalização e questionar. Descolonizar é um caminho para nos resignificarmos e nos construirmos por outros afetos com suporte cultural. A descolonização é sair do modo automático. Pra mim descolonizar é também escrever.

Armar nossos cabelos, amar nossa negritude e agenciar nossos recursos, como a escrita é uma forma de (re)existir, reafirmar e recriar nossas narrativas e destinos. Sabe o que guardo em meus cabelos? o que habita bem entranhado nos meus fios ? habitam força e ancestralidade.

Referências Fílmicas

Felicidade por um fio: 2018. Comédia 1h 38min Direção: Haifaa Al Mansour.
Plataforma: Netflix.

Sinopse: Uma publicitária perfeccionista com problemas na vida amorosa embarca em uma jornada de autoconhecimento que começa no visual radicalmente novo.

A vida e a História de Madam C.J Walker: 2020. Drama 1 temporada 4 episódios.
Direção: Kasi Lemmons

Sinopse: Uma afro-americana que venceu a pobreza, construiu um império de produtos de beleza e se tornou a primeira milionária pelo próprio esforço. Baseado em uma história real.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOUZÓN, Patrícia Gino. Construindo identidade: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. -- São Paulo: Pólen Livros, 2019.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. A Estética e o Mercado Produtor-Consumidor de Beleza e Cultura. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

DAVIS, Angela Yvonne. Uma autobiografia, por Angela Davis. São Paulo: Boitempo, ed. 1, 2019.

DAVIS, Viola. Em busca de mim - 1. ed. - Rio de Janeiro : BestSeller, 2022.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude – Uma breve reconstrução histórica. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, jan.-jun. 2005.

EGA, Françoise. Cartas a uma negra: Narrativa antilhana. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2021

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Olhos d' água. 1ªed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações de: Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.21, p.40-51, set/out/nov./dez. 2002.

GOOGLE. *Dossiê BrandLab: A Revolução dos Cachos*. São Paulo: 2017. Disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/revolucao-dos-cachos/> Acesso em 27 abr. 2021.

hooks, bell. *Alisando o nosso cabelo*. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-fev. 2005.

hooks, bell. *Olhares Negros. Raça e Representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

hooks, bell. *Vivendo de Amor*. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria, volume 2: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria, volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo : Ática, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo : Editora Aquila, 1963

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

LODY, Raul. *Cabelos de Axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez., 2016.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NAKANO, A. K. Comparação de danos induzidos em cabelos de três etnias por diferentes tratamentos. 2006, 52p. Dissertação (mestrado em físico-química), UNICAMP/Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin(org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* . São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Cartas para minha avó / Djamila Ribeiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/Neusa Santos Souza*. - Rio de Janeiro: Edições Graal,1983.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. São Paulo: Rocco, 1992.